



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS DE PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS MESTRADO ACADÊMICO EM
LETRAS

LUCIVÂNIA RODRIGUES DA SILVA

O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO DA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS - GO

PORTO NACIONAL (TO)

2024

LUCIVÂNIA RODRIGUES DA SILVA

**O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO DA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS - GO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Tocantins como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Orientadora: Dra. Greize Alves da Silva
Coorientador: Dr. Carlos Roberto Ludwig

PORTO NACIONAL (TO),

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586f Silva, Lucivânia Rodrigues da.
O fenômeno da Monotongação no Português falado da comunidade
Kalunga Vão de Almas-GO. / Lucivânia Rodrigues da Silva. – Porto Nacional,
TO, 2024.
81 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
(Mestrado) em Letras, 2024.
- Orientador: Greize Alves da Silva
Coorientador: Carlos Roberto Ludwig
1. Português Falado. 2. Monotongação. 3. Comunidade Kalunga. 4. Teoria
de Exemplos. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

LUCIVÂNIA RODRIGUES DA SILVA

O FENÔMENO DA MONOTONGAÇÃO NO PORTUGUÊS FALADO DA
COMUNIDADE KALUNGA VÃO DE ALMAS - GO

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Tocantins como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Linguísticos.

Data de aprovação: 06/08/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Greize Alves da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Prof. Dr. Carlos Roberto Ludwig (Coorientador)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Prof. Dr. Romário Duarte Sanches (Avaliador)
Universidade Federal do Amapá (UFAPNIF)

Prof. Dr. Jose Edicarlos de Aquino (Avaliador)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Prof. Dra. Mariana Spagnolo Martins (Suplente)
Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

Prof. Dra. Karylleila dos Santos Andrade (Suplente)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Aos meus amados pais Tarcila Santos Silva e Domingos Rodrigues da Silva, por me amar, ensinar sobre a vida, a vocês todo meu amor, carinho e gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me abençoou com forças e sabedoria para concluir essa nobre tarefa de auxiliar na compreensão dos fenômenos linguísticos.

A minha mãe, mulher forte e admirável, muito obrigada! Sou eternamente grata por seu amor, carinho, dedicação, oração e fé... Amo-te, essa conquista também é sua.

Ao meu pai, homem forte e íntegro, gratidão pelas palavras de incentivo, sempre acalentou meu coração e conseguiu fazer brotar o que há de melhor em mim.

A todos os meus irmãos(ãs) e sobrinhos(as), sempre presentes em minha vida e que vibram a cada conquista. Em especial a minha irmã e amiga Ângela, sempre iluminando o meu caminho com seu amor e apoio.

Aos participantes da Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas, protagonistas desta pesquisa, por terem compartilhado suas experiências. Sem vocês, não seria possível investigar essa temática. Muito obrigada a todos!

Aos professores, ofereço a minha gratidão ao longo do Mestrado. Em especial, à minha orientadora professora Greize Alves pela confiança no meu trabalho, pela parceria e dedicação. À professora Carine Haupt pelos conhecimentos compartilhados. Agradeço também aos professores participantes da banca avaliadora por aceitarem compor a banca e contribuir significativamente com este trabalho, a partir de suas experiências e de todo conhecimento que possuem.

Agradeço imensamente a professora Junia Garcia por todos os conselhos, pelo auxílio e pela paciência com a qual guiaram o meu aprendizado.

Agradeço ao Programa de Mestrado em Letras do Câmpus de Porto Nacional em nome dos professores Carlos Roberto Ludwig e Thiago Soares Barbosa, pelo trabalho desenvolvido na coordenação do Programa.

Enfim, agradeço a todos que passaram ou permanecem em minha vida, pois cada um permite que a minha história exista. Muito obrigada!

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus.

Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez.

(João 1:1-3)

RESUMO

Neste estudo, aborda-se a ocorrência da monotongação no Português falado na Comunidade Kalunga Vão de Almas (GO), considerando as perspectivas da Sociolinguística e da Fonética Acústica. Os objetivos desta pesquisa consistem em analisar os efeitos da frequência de duração da monotongação em palavras que apresentam ditongos decrescentes, por meio de uma abordagem acústica. Além disso, investiga-se o fenômeno da monotongação no contexto do Português falado, descrevendo os fatores linguísticos que influenciam este processo fonológico. A pesquisa também se propõe a discutir a relação entre ditongos preservados e monotongados, utilizando a análise acústica como suporte. Do ponto de vista teórico, este estudo fundamenta-se nos trabalhos de Labov (1998), Cabreira (1996) e Haupt (2011), que abordam os fenômenos linguísticos por meio do modelo laboviano e da Teoria de Exemplos, respectivamente. A justificativa para esta pesquisa reside na escassez de estudos e registros sobre o Português falado na região do nordeste goiano, especialmente nas comunidades Kalunga. Este trabalho contribui para a compreensão das diversas formas de uso do Português por falantes de diferentes regiões e comunidades do Brasil. A análise acústica, em que se verificou a monotongação, foi realizada a partir de dados coletados por meio de gravações e transcrições fonéticas, verificadas pelo Praat, fonologicamente, com base na Teoria dos Exemplos, resultando na apresentação dos monotongos de doze participantes, seis homens e seis mulheres, com diferentes níveis de escolaridade, foram envolvidos na coleta de dados que incluiu a fala espontânea e a leitura de imagens por meio de uma entrevista sociolinguística. Os resultados apontam para a existência da monotongação, pelo apagamento da semivogal dos ditongos decrescentes orais [ai], [ej] e [ow] associada à frequência de duração dos ditongos nas palavras, independentemente do nível de escolaridade dos participantes. A análise revelou que a monotongação de [ej] foi a mais frequente, apresentando maiores percentuais nas falas espontâneas e leituras de imagens. Além disso, observou-se uma influência do fator linguístico em palavras com sílabas átonas e tônicas na ocorrência da monotongação, por conseguinte, os fatores sociais ‘gênero’ e ‘faixa etária’ mostraram relação com o apagamento das semivogais [j] e [w] nos ditongos orais [aj], [ej] e [ow]. A pesquisa ressalta que a ampliação dos dados e o controle de contextos vinculados podem enriquecer a capacidade explanatória da análise.

Palavras-chave: Português Falado. Monotongação. Comunidade Kalunga. Teoria de Exemplos.

ABSTRACT

This study addresses the occurrence of Monotongation in Portuguese spoken in the Kalunga Community Vão de Almas (GO), considering the perspectives of sociolinguistics and acoustic phonetics. The objectives of this research are to analyze the effects of the frequency of duration of monotongation in words that present decreasing diphthongs, through an acoustic approach. In addition, the phenomenon of monotongation in the context of spoken Portuguese is investigated, describing the linguistic factors that influence the monotongation of diphthongs. The research also proposes to discuss the relationship between preserved and monotongated diphthongs, using acoustic analysis as support. From a theoretical point of view, this study is based on the works of Labov (1998), Cabreira (1996) and Haupt (2011), which address linguistic phenomena through the Labovian model and the Theory of Exemplars, respectively. The justification for this research lies in the scarcity of studies and records on Portuguese spoken in the Northeast Goiano region, especially in the Kalunga communities. This work contributes to the understanding of the various forms of use of Portuguese by speakers from different regions and communities in Brazil. The acoustic analysis, in which monotongation was verified, was carried out from data collected through recordings and phonetic transcriptions, verified by Praat and phonologically, based on the Theory of Exemplars, resulting in the presentation of the monotongos. Twelve participants, six men and six women, with different levels of education, were involved in the data collection that included spontaneous speech and reading of images through a sociolinguistic interview. The results point to the existence of monophthongization, due to the deletion of the semivowel oral decreasing diphthongs [aj], [ej] and [ow], associated with the frequency of duration of the diphthongs in the words, regardless of the participants' level of education. The analysis revealed that the monophthongization of [ej] was the most frequent, presenting higher percentages in spontaneous speeches and image readings. Furthermore, an influence of the linguistic factor was observed in words with unstressed and stressed syllables in the occurrence of monophthongization, therefore, the social factors 'gender' and 'age group' showed a relationship with the deletion of the semivowels [j] and [w] in the oral diphthongs [aj], [ej] and [ow]. The research highlights that expanding data and controlling linked contexts can enrich the explanatory capacity of the analysis

Keywords: Spoken Portuguese. Monotongation. Kalunga Community. Theory of Exemplars.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Localização geográfica da Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas

Figura 2. Forma de onda e espectrograma do ditongo [ow] monotongado na palavra tesoura

Figura 3. Forma de onda e espectrograma do ditongo [ow] monotongado na palavra besouro

Figura 4. Forma de onda e espectrograma do ditongo [ej] monotongado na palavra peixe

Figura 5. Forma de onda e espectrograma do ditongo [ej] monotongado na palavra mamadeira

Figura 6. Forma de onda e espectrograma do ditongo [aj] monotongado na palavra caixa

Figura 7. Forma de onda e espectrograma do ditongo [aj] monotongado na palavra bailarino

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Fonologia tradicional versus Fonologia de Uso e Teoria dos Exemplos

Quadro 2. Lista de palavras com ditongos decrescentes

Quadro 3. Sistematização dos diferentes reagrupamentos dos participantes

Quadro 4. Palavras com monotongação na fala espontânea

Quadro 5. Palavras com monotongação na leitura de imagens

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Percentual dos ditongos decrescentes orais na fala espontânea

Gráfico 2. Palavras com monotongação na leitura de imagens

Gráfico 3. Comparação dos ditongos decrescentes orais nos dados de fala espontânea e leitura de imagens

Gráfico 4. Percentual dos ditongos preservados e monotongados das faixas etárias I, II e III

Gráfico 5. Variável Sexo (Monotongação)

Gráfico 6. Variável Escolaridade (Monotongação)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQK	Associação Quilombola Kalunga
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILE	Inglês Língua Estrangeira
FU	Fonologia de Uso
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo
PPG	Programa de Pós-Graduação
OC	Ocorrências
ONU	Organização das Nações Unidas
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
TICCA	Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Indígenas e Locais
TE	Teoria dos Exemplos
TCLE	Termo de Esclarecimento e Consentimento Livre Esclarecido
UFPB	Universidade Federal de Paraíba
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UNB	Universidade de Brasília
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
VALPB	Variação Linguística no Estado da Paraíba
VARSUL	Variação Linguística na Região Sul do Brasil
WAV	Waveform Audio File Format

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA VÃO DE ALMAS	18
2.1 Origem e formação da comunidade Kalunga.....	18
2.2 Características da Comunidade Kalunga Vão de Almas	21
2.3 Estudos linguísticos sobre a comunidade Kalunga Vão de Almas (GO)	22
3 ENTRELACANDO TEORIAS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA	24
3.1 A Teoria dos Exemplares	26
3.1.2 Estudos na perspectiva da Teoria de Exemplares	29
3.2 Estudos sobre o fenômeno linguístico Monotongação	31
3.3 Estudos sobre a variação no Português Brasileiro na perspectiva tradicional	35
3.4 Sociolinguística Laboviana	36
4 METODOLOGIA.....	38
4.1 Procedimentos metodológicos	38
4.2 Caracterização da pesquisa	41
4.3 Universo e sujeitos da pesquisa.....	42
4.4 Execução da pesquisa	45
5 ANÁLISE DOS DADOS	47
5.1 Duração dos ditongos orais monotongados	48
5.2 Resultados dos fatores linguísticos e sociais que condicionam a monotongação.....	63
5.3 Análise acústica	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	68
ANEXOS.....	74

1 INTRODUÇÃO

O fenômeno linguístico da monotongação, objeto de estudo nesta pesquisa, constitui-se alvo de investigações em diversas regiões do Brasil. Entretanto, na região Centro-Oeste, especificamente no território Kalunga¹, os estudos sociolinguísticos aliada a variedade linguística ainda são incipientes, o que justifica a escolha de abordar este objeto de estudo nesta localidade. Desse modo, este estudo visa contribuir para o entendimento desse fenômeno linguístico no contexto específico da fala e leitura em voz alta na comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, localizada em Cavalcante, Goiás.

A relevância da presente pesquisa se manifesta no contexto contemporâneo de globalização e avanço tecnológico, cujos fenômenos linguísticos, como a monotongação, embora amplamente manifestos em sociedades urbanas, são evidenciados como características de fala da comunidade Kalunga. A análise da variedade linguística empregada por esta comunidade emerge como uma contribuição no âmbito dos estudos dessa natureza, sendo a primeira investigação a abordar o fenômeno da monotongação na região, sob a perspectiva adotada. Em virtude da rica diversidade linguística e cultural que permeia o território brasileiro, este estudo se configura como uma iniciativa, erigindo-se como um esforço para apreciar e compreender as sutilezas distintivas do Português Brasileiro na comunidade, mediante consideração dos processos fonológicos que delineiam a variação linguística.

Outro aspecto central do problema de pesquisa é a aplicação da Teoria dos Exemplos que representa uma perspectiva para a análise quantitativa desse fenômeno fonológico. Desse modo, esta pesquisa busca investigar como essa teoria pode fornecer dados sobre a variação linguística, especialmente no que se refere à duração da monotongação.

Desta forma, a presente pesquisa se guia por questionamentos como: Qual a influência dos fatores linguísticos e sociais na ocorrência da monotongação em ditongos decrescentes orais na comunidade Kalunga Vão de Almas? Como a Teoria dos Exemplos pode ser aplicada para entender quantitativamente as frequências de ocorrências de monotongação e seus efeitos na duração desse fenômeno?

Em que medida a ocorrência da monotongação em situações de leitura em voz alta difere da fala espontânea na comunidade Kalunga Vão de Almas? Os efeitos de duração dos segmentos resultantes são dados pela análise acústica aplicada aos sons da fala como partes

¹ Optamos pela palavra Kalunga (K maiúsculo) para referirmos a uma identidade do povo quilombola assim designado.

constituintes das palavras, na forma de números gráficos que indicaram os valores das variáveis selecionadas. Dessa forma, temos diferentes exemplares com características acústicas distintas para os ditongos, tanto aqueles preservados quanto aqueles monotongados.

A hipótese levantada sugere que palavras mais frequentes são mais propensas a esse fenômeno linguístico, considerando sua natureza fisiológica, conforme destacado por Phillips (1984) e Bybee (2001), ao abordarem a delimitação de categorias linguísticas, permitindo a identificação de categorias intermediárias entre ditongos e monotongos, embora a transição entre elas seja gradual.

É importante destacar que esta pesquisa parte da premissa de que as comunidades e povos tradicionais possuem um papel crucial na preservação da sociobiodiversidade no contexto brasileiro. Entretanto, a diversidade linguística presente nessa comunidade, enraizada em sua identidade sociocultural, é hipotetizada como um elemento determinante que influencia as particularidades desse fenômeno linguístico.

Além disso, a pesquisa avança na hipótese sugerindo que a sensibilidade da monotongação pode variar significativamente entre situações de leitura em voz alta e fala espontânea. Esta variação é concebida como resultado da interação complexa entre fatores linguísticos e sociais. A hipótese ainda propõe que a dinâmica da comunicação durante a leitura em voz alta, em que as demandas linguísticas podem ser diferentes da fala espontânea, pode impactar a ocorrência e as características da monotongação de maneira distinta.

Assim sendo, a análise linguística neste estudo é focada exclusivamente nos ditongos decrescentes [aj], [ej], e [ow]. A pesquisa envolveu a participação de 12 indivíduos da comunidade, estratificados de acordo com os preceitos das regras variáveis sociais estabelecidas por Labov (1972) e Bisol (1996) no contexto da pesquisa sociolinguística. Dessa forma, fatores como sexo, idade, ocupação e escolaridade podem influenciar no comportamento linguístico. Logo, esse procedimento visa garantir uma representação da diversidade linguística existente na comunidade, considerando diferentes estratos sociolinguísticos.

Os objetivos desta pesquisa consistem em analisar os efeitos da frequência de duração da monotongação em palavras que apresentam ditongos decrescentes, por meio de uma abordagem acústica

Logo, os objetivos específicos compreendem neste empreendimento; i) analisar o fenômeno da monotongação na fala dos participantes Kalunga; ii) Apresentar a análise da duração dos ditongos decrescentes orais monotongados na comunidade quilombola; iii) Observar como esse fenômeno se manifesta em situações específicas de leitura de imagens em

voz alta e fala espontânea; iv) Investigar a influência de fatores linguísticos, sociais e culturais na ocorrência da monotongação e; v) Contribuir para a Teoria dos Exemplares através da análise de um novo conjunto de dados, expandindo sua aplicabilidade e compreensão.

A coleta de dados foi realizada por meio de gravações de fala dos participantes, visando capturar a variabilidade fonética relacionada à monotongação em ditongos decrescentes orais. Essas gravações foram submetidas a uma análise acústica, empregando técnicas e ferramentas específicas para avaliar as características fonéticas das ocorrências de monotongação e, logo após, foi analisado o efeito das variáveis linguísticas e sociais.

Ao finalizar a coleta e análise de dados, os resultados foram interpretados à luz da Teoria dos Exemplares, buscando dados sobre os processos linguísticos subjacentes à monotongação em ditongos decrescentes orais na comunidade em questão. A análise sociolinguística alinhada às regras variáveis de Labov (1972) e Bisol (1996) permitiram uma compreensão mais contextualizada das variações linguísticas observadas. Dessa forma, os resultados apontam para a existência da monotongação, pelo apagamento da semivogal dos ditongos decrescentes orais [ai], [ej] e [ow] associada à frequência de duração dos ditongos nas palavras, independentemente do nível de escolaridade dos participantes.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: após a presente introdução, o Capítulo 2, intitulado "A Comunidade Quilombola Vão de Almas", apresenta o contexto da pesquisa, destacando as características da comunidade e sua relação com o objeto de estudo. O Capítulo 3, "Fundamentação Teórica", realiza uma revisão da literatura sobre a monotongação de ditongos decrescentes orais, além de abordar os fundamentos da Teoria dos Exemplares e a Sociolinguística laboviana. O Capítulo 4, "Metodologia", detalha os métodos e procedimentos adotados na constituição da amostra e no tratamento dos dados. No Capítulo 5, "Análise dos Dados", são examinados os resultados obtidos, buscando estabelecer relações entre os aspectos linguísticos e fonéticos envolvidos na monotongação. As "Considerações Finais" constituem a última seção, em que são apresentadas as conclusões derivadas da pesquisa e as contribuições para os estudos linguísticos e sociolinguísticos sobre a variação linguística na comunidade Kalunga.

² A COMUNIDADE QUILOMBOLA KALUNGA VÃO DE ALMAS

Nesta seção, abordamos a origem, aspectos culturais e linguísticos da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, situada no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, no município de Cavalcante (GO). Além disso, fornecemos informações sobre a localização da comunidade, incluindo detalhes históricos e geográficos relacionados ao território.

2.1 Origem e formação da comunidade Kalunga

A cidade de Cavalcante está localizada na região nordeste do Estado de Goiás. Fundada em 1737 por Diogo Teles Cavalcante, a cidade possui 286 anos de fundação e completa 191 anos de emancipação política. De acordo com Damando (2003, p. 6), Diogo Teles Cavalcante, um bandeirante português, descobriu jazidas de ouro no local, o que levou o Império Português a enviar geólogos e especialistas em exploração, resultando na fundação da cidade.

Cavalcante é reconhecida como a "Cidade das Cachoeiras" e abriga o maior acervo histórico-cultural da região, principalmente no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, declarado Patrimônio Mundial Natural pela UNESCO, em 2001. A cidade está inserida no território Kalunga, compreendendo cerca de 319.5 mil hectares e abrangendo diversas comunidades quilombolas.

As comunidades deste território Kalunga, após décadas de invisibilidade social, foram reconhecidas como históricas em 1989 e tiveram seu território tombado como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Esse território engloba quase 39 comunidades, e a resistência dessas comunidades é destacada no livro "Comissão da verdade sobre a escravidão negra" (2017), que relata a história de confrontação à ordem colonial.

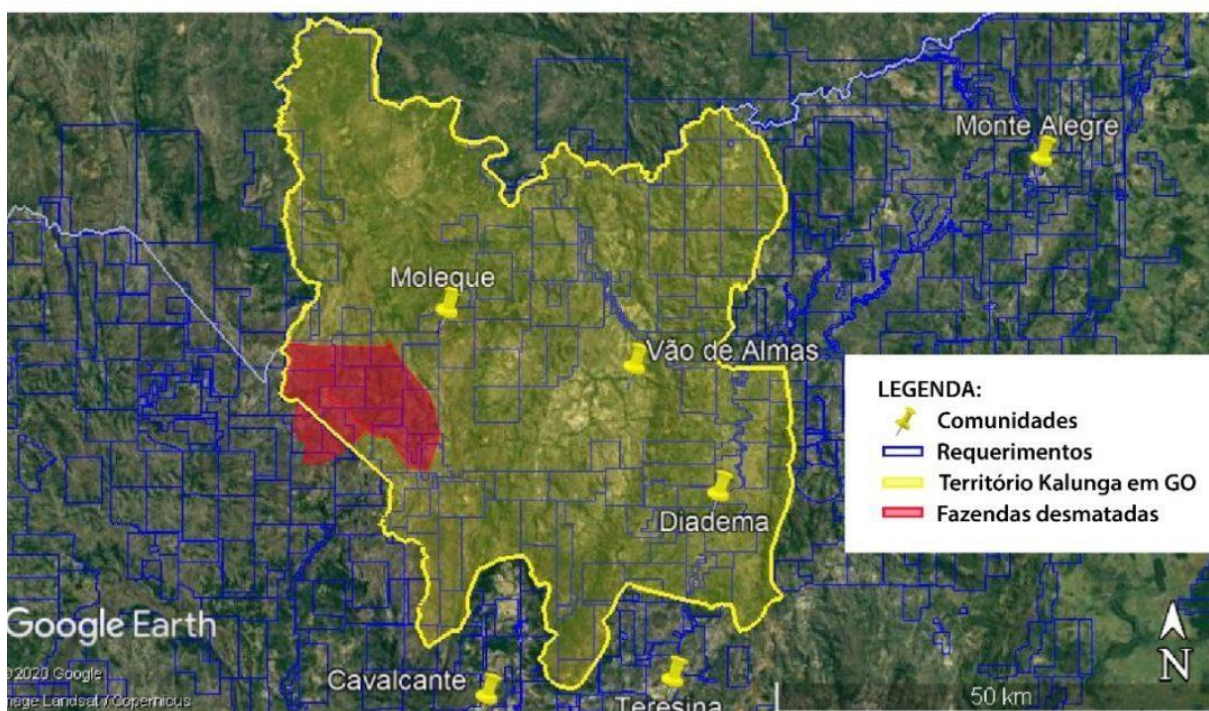
É importante ressaltar que a comunidade Kalunga Vão de Almas, localizada a 74 km de Cavalcante, recebe esse nome devido à proximidade com o Rio Almas, cercado por montanhas. Este território abriga os Kalunga e seus descendentes, sendo parte da Chapada dos Veadeiros, uma região atrativa para o turismo, embora ainda menos visitada devido à

distância e estradas sem asfalto. Os moradores precisam se deslocar mensalmente para Cavalcante para realizar atividades como compras, ir ao banco e ao hospital.

Mari Baiocchi (1999), historiadora pioneira nas pesquisas no território Kalunga, destaca que o termo "quilombo" tem raízes africanas bantas, evoluindo ao longo dos séculos. O Conselho Ultramarino de 1740 definiu quilombo como habitação de negros fugidos, e Santos (2013) explica que "Kalunga" possui diversos significados, incluindo um lugar sagrado, um Deus africano, um rio ou uma planta usada como erva medicinal.

Os Kalunga, descendentes de escravos que fugiram do cativeiro, formaram uma comunidade na região da Chapada dos Veadeiros. A Associação Quilombola Kalunga (AQK) destaca que as primeiras aglomerações começaram na divisa entre Monte Alegre e Cavalcante, às margens do Rio Almas e do Rio Paranã. Em 1991, todo o território foi reconhecido oficialmente como Sítio Histórico, abrigando o Patrimônio Cultural Kalunga, parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro.

Mapa 1. Localização geográfica do município Cavalcante (GO) a Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas



Fonte: Google mapas, 2022.

O território Kalunga, situado na região nordeste do estado de Goiás, é reconhecido como o maior espaço quilombola do Brasil. Abrangendo os municípios de Teresina, Cavalcante e Monte Alegre, em Goiás, e Arraias e Paranã, no Tocantins, essa região inclui a

comunidade Kalunga Vão de Almas, certificada pela Fundação Cultural Palmares como remanescente de quilombos, conforme o Decreto Presidencial 4.887/03.

A comunidade Kalunga Vão de Almas é composta por cerca de 215 famílias, totalizando 1.075 habitantes. É reconhecida pelo programa Ambiental da ONU e TICCA (Territórios e Áreas Conservadas por Comunidades Indígenas e Locais) do Brasil.).

Dentre as comunidades, Vão de Almas destaca-se por sua localização mais afastada, ao contrário de outras, como as comunidades Engenho I e II, que estão mais próximas da cidade. O acesso à Vão de Almas é desafiador, com estradas não asfaltadas, estreitas, sinuosas, e em terreno acidentado, requerendo veículos 4x4 ou pau de arara. Antigamente, a locomoção exigia burros, cavalos ou a pé, com deslocamentos que podiam levar vários dias. Atualmente, a Associação Quilombola Kalunga dispõe de motoristas e veículos para facilitar o acesso dos moradores a Cavalcante (AQK, 2022).

Para chegar a Vão de Almas foi necessário utilizar um veículo tracionado, partindo de Cavalcante, passando por Teresina de Goiás. A estrada, de difícil acesso, atravessa a Serra do Pouso do Padre e oferece vistas do Rio Almas, revelando um vilarejo com casas simples de adobe cobertas de palha ou, mais recentemente, com telhas eternit. A comunidade, cercada por montanhas, preserva traços culturais de resistência por séculos.

Rica em cultura, florestas, água e biodiversidade, a comunidade mantém tradições agrícolas utilizando conhecimentos ancestrais. A plantação em pequenas roças, menores que 1 hectare, é realizada para subsistência, seguindo o ritmo da natureza, com descanso da terra por quase dez anos. O cultivo é feito manualmente, sem agrotóxicos ou máquinas (AQK, 2021).

Destaca-se que as celebrações religiosas mais tradicionais, como a de Nossa Senhora d'Abadia em Vão de Almas é realizada no mês de agosto e se estende até setembro, exercem um forte apelo, atraindo um público significativo de aproximadamente 2.000 pessoas, que inclui residentes, comunidades vizinhas e turistas. Esse encontro cultural mantém as pessoas unidas como território e reafirma a identidade quilombola.

É importante ressaltar que o Quilombo Kalunga desempenha um papel fundamental na preservação do cerrado, ecossistema ameaçado, ao mesmo tempo em que mantém viva a herança cultural e histórica das comunidades que o habitam. Essa interação entre natureza e cultura proporciona uma riqueza única ao local, consolidando-o como um espaço de significativa importância ecológica e antropológica. As tradições arraigadas nas celebrações religiosas e o modo de vida das comunidades Kalunga contribuem para a diversidade cultural do Brasil, enriquecendo o mosaico cultural do país com suas peculiaridades e resistências históricas.

2.2 Características da Comunidade Kalunga Vão de Almas

A história da comunidade Vão de Almas reflete uma narrativa comum a outras comunidades quilombolas remanescentes no Brasil, onde grupos de pessoas negras buscavam refúgio na mata para escapar da escravidão. Essa comunidade, como tantas outras, preserva sua história e memória ancestral, mantendo viva a resistência que se traduz nos saberes e práticas tradicionais. Esses elementos são testemunhos da luta contínua do povo negro pela liberdade no cotidiano.

O termo "vão" refere-se a um espaço territorial cercado por montanhas, predominando a paisagem de cerrado nessa região. Importante ressaltar que a comunidade Vão de Almas abriga aproximadamente 215 famílias, totalizando 1.075 moradores. Algumas residências ainda carecem de infraestrutura básica, como energia elétrica, água encanada e internet. O território faz fronteira com a bacia hidrográfica do Tocantins e integra uma área com rede de drenagens formada pelos rios Branco e Paranã. Nesse contexto, De Faria (2020) reitera o conceito de quilombo:

[...] o quilombo é mais que um pedaço de terra e está mais ligado as vivências e aos sujeitos que o habitam e compartilham histórias, percepções para além das definidas em artigos e resoluções, são grupos pertencentes a uma mesma comunidade compartilhando de suas tradições, culturas, línguas e valores (DE FARIA; 2020, p.142).

Nessa perspectiva, é crucial ressaltar que as comunidades remanescentes quilombolas conseguiram estabelecer oficialmente um conselho representativo, composto por representantes de cada comunidade, vinculado à associação geral, a AQK – Associação Quilombo Kalunga. O Estatuto e Regimento Interno dessa associação delineiam propostas associadas aos direitos territoriais e à preservação cultural, impondo ao Poder Público responsabilidades legais para com essas comunidades, mesmo que não possuam documentos de titulação. Isso ressalta a importância de reconhecer a história enraizada nas práticas sociais e nas atividades rurais, como o cultivo de arroz, feijão, abóbora, melancia e outros alimentos para a subsistência.

Arruti (1997) esclarece que a comunidade Kalunga Vão de Almas se define no ambiente rural, baseada em práticas tradicionais como pesca, caça, criação de animais e agricultura de subsistência. Ao observar as moradias, danças, crenças, histórias e saberes na pesquisa, percebe-se que a comunidade em questão está alinhada ao formato Kalunga, ou seja a comunidade tem profunda conexão com o lugar que habita e preserva a natureza. Apesar das

transformações provocadas pela modernização nos espaços rurais, os moradores mantêm o uso de saberes transmitidos de geração em geração, como o cultivo em pequenas roças sem agrotóxicos. As tradições religiosas expressas nos festejos, folias, músicas e causos em homenagem a Nossa Senhora da Abadia também são preservadas, contribuindo para a história e identidade da comunidade.

2.3 Estudos linguísticos sobre a comunidade Kalunga Vão de Almas (GO)

Esta subseção apresenta pesquisas já realizadas em comunidades Kalunga, considerando a relevância das pesquisas no campo da Linguística, especialmente na fonética e fonologia, apresentamos um estudo realizado sobre os padrões silábicos do Português na região nordeste goiano e mais dois estudos realizados, estes na comunidade Kalunga Vão de Almas, situada na região centro-oeste do Brasil.

O primeiro trabalho realizado sobre comunidades Kalunga é o de Garcia (2013), intitulado “Os padrões silábicos do Português na região de Campos Belos (GO)” e se destacapor abordar a descrição das variedades do português falado na região. Realiza uma análise dos segmentos em onset e dos padrões silábicos, apontando aqueles que são mais recorrentes em cada variedade. A análise se deu a partir de dados coletados por meio de gravações e transcritos foneticamente. Os resultados apontaram para a existência de quatro variedades linguísticas na região, associadas a fatores como grau de escolaridade e o maior ou menor isolamento dos falantes em suas comunidades. Essas variedades são: variedade A - dos falantes kalunga; variedade B - dos participantes que se dividem entre o campo e a cidade; variedade C - dos participantes citadinos de média e alta escolaridade e a variedade D - composta por pessoas citadinas de escolaridade variada, porém compartilhando das mesmas características linguísticas.

A pesquisa de Gonçalves (2020) intitulada “Variedade linguística da comunidade Kalunga Vão de Almas: um estudo no contexto da fazenda Coco” investiga as variações linguísticas na Fazenda Coco, integrada à Comunidade Kalunga Vão de Almas, abordando o forte preconceito linguístico enfrentado pelos moradores. A falta de acesso ao Ensino Médio na comunidade levava os jovens a estudar nas escolas urbanas, onde eram estigmatizados por sua fala diferenciada. O estudo qualitativo e etnográfico usou entrevistas gravadas e registros de falas espontâneas para desmistificar preconceitos linguísticos, mostrando aos jovens que a variedade linguística da comunidade Kalunga é parte da heterogeneidade do Português Brasileiro. Dessa forma, esta pesquisa traz como contribuição o registro sociolinguístico da

Fazenda Coco e o conhecimento teórico e prático para a produção de material didático para as Escolas Kalungas

Dias de Araújo (2021) em sua pesquisa “Variedades Kalungas de Goiás: reminiscências criouliizantes no português brasileiro” contribui para a Sociolinguística e Crioulística ao estudar a formação do Português do Brasil nas comunidades Kalunga Vão de Almas e Vão do Moleque. A pesquisa aborda variáveis sociais (sexo, idade, escolaridade) e morfossintáticas, como a concordância nominal e verbal. O estudo quantitativo, utilizando entrevistas orais e presenciais, sugere a presença de características históricas, sociais e linguísticas nas comunidades, indicando um processo de semicrioulização do Português Brasileiro influenciado pelas línguas crioulas e africanas que chegaram ao Brasil. Os resultados atestam o levantamento da hipótese citada, indicando que há, nas duas comunidades, a presença de características históricas, sociais e linguísticas que também são encontradas na estrutura sociolinguística africana, principalmente nas que possuem base portuguesa ou se concretizaram como línguas crioulas, ou seja, há traços criouliizantes que se direcionam à hipótese da fase de semicrioulização do Português do Brasil.

3 ENTRELAÇANDO TEORIAS PARA UMA ANÁLISE CRÍTICA

Neste capítulo, apresentamos a literatura que embasa e informa nossa pesquisa, delineando duas seções distintas. A primeira seção discorre sobre a Teoria dos Exemplos, enquanto a segunda apresenta a revisão de literatura sobre o processo de monotongação. Esta revisão da teoria dos exemplos está intrinsecamente ligada a perspectiva da teoria dos modelos multirrepresentacionais, especialmente escolhida para esta investigação e busca ampliar nossa compreensão dos fenômenos linguísticos em foco. Nesta revisão, destacamos as significativas contribuições de pesquisadores, como Pierrehumbert (2006), Bybee (2006), Cristóvão Silva (2011) e Haupt (2011).

A Fonologia de Uso e a Teoria dos Exemplos emergem como abordagens multirrepresentacionais para a fonologia, proporcionando dados para nossa compreensão dos fenômenos linguísticos. Estas teorias não apenas reconhecem a variação linguística como uma constante, mas também incorporam padrões gradientes, variáveis e a probabilidade na organização do conhecimento linguístico.

Segundo a Fonologia de Uso, o componente fonético desempenha um papel crucial na representação mental, conferindo relevância à organização do componente fonológico. Esta perspectiva, alinhada com os princípios propostos por Bybee (2001), postula que o uso efetivo das unidades linguísticas interage com a substância linguística, influenciando tanto a forma quanto o sentido e, por conseguinte, moldando a estrutura mental da língua.

Um quadro comparativo entre a fonologia tradicional e a Fonologia de Uso/Teoria dos Exemplos, apresentado por Oliveira (2003) e extraído de Cristóvão Silva (2004, p.102), destaca claramente as distinções fundamentais entre essas duas propostas (ver Quadro 1). Essa comparação serve como um guia elucidativo para compreendermos as contribuições dessas abordagens multirrepresentacionais.

Pierrehumbert (2006) explora os padrões fonéticos e fonológicos, enquanto Bybee (2006) fundamenta a Fonologia de Uso, destacando a interconexão entre forma e função. Cristóvão Silva (2011), por sua vez, enriquece a discussão ao propor uma abordagem multirrepresentacional específica, e Haupt (2011) oferece dados sobre a organização dos exemplos mentais na Teoria dos Exemplos.

Esta revisão não apenas contextualiza as teorias adotadas, mas também estabelece as bases para uma análise crítica das investigações sobre a monotongação na próxima seção, ressaltando a relevância e a contribuição dessas perspectivas teóricas.

Quadro 1: Fonologia tradicional versus Fonologia de Uso e Teoria dos Exemplos

Proposta tradicional	Fonologia de Uso e Teoria dos Exemplos
Representação mental minimalista	Representação mental detalhada
Separação entre fonética e fonologia	Inter-relação entre fonética e fonologia
Visão da fonologia como gramática formal, com utilização de variáveis abstratas.	Consideração de que a fonologia da língua envolve a distribuição probabilística de variáveis.
Efeitos da frequência refletidos na produção em curso e não armazenados na memória de longo termo.	Efeitos de frequência armazenados na memória de longo termo.
Julgamento fonotático categórico: uma sequência ou é considerada bem formada ou é impossível de ocorrer na língua.	Efeitos gradientes nos julgamentos fonotáticos.
Léxico separado da gramática fonológica.	Palavra como lócus da categorização.

Fonte: Oliveira (2003).

Oliveira (2003, p.76) expõe que o modelo da Fonologia de Uso propõe uma abordagem abrangente, visando compreender todos os subsistemas linguísticos (fonologia, sintaxe, semântica) dentro de uma teoria linguística. Nessa concepção, o uso da língua engloba todo o processamento, assim como as interações sociais, sugerindo que a frequência de utilização de uma palavra ou estrutura pode influenciar sua estrutura fonológica.

Cristóvão Silva (2021), ao comparar a proposta tradicional com o Modelo de Exemplos (OLIVEIRA-GUIMARÃES, 2004, p. 40), destaca que a Teoria dos Exemplos (TE) traz novas perspectivas de investigação alinhadas à natureza interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar da linguagem, além de permitir a incorporação de um aspecto inerente a todas as línguas: a mudança linguística.

Nesse contexto, Bybee (2001) sustenta que: i) a experiência influencia a representação, sendo palavras e construções mais frequentes mais facilmente acessadas, enquanto as menos frequentes tornam-se mais fracas, podendo ser esquecidas; ii) as

representações mentais dos objetos linguísticos compartilham propriedades com as representações de outros objetos; iii) a categorização baseia-se em identidade e similaridade, permitindo diferentes tipos de relações entre objetos linguísticos; iv) generalizações são expressas como relações entre formas, fundamentadas em similaridades fonéticas e/ou semânticas; v) a organização lexical gera generalizações e segmentações para vários graus de abstração e generalidade, emergindo unidades como morfemas, segmentos ou sílabas das relações de similaridade; vi) o conhecimento gramatical é procedural, ou seja, falantes nativos sabem como produzir sentenças aceitáveis quase automaticamente, mesmo sem conseguir explicar o processo.

A partir desses princípios, analisamos os dados, discutindo os fundamentos apresentados por Bybee (2001), Pierrehumbert (2010) e Haupt (2011). Desse modo, pode-se analisar que a representação captura parâmetros sociais das formas linguísticas como por exemplo, a idade e o sexo do falante, já que as memórias específicas são lembradas pelos falantes, incluindo as características sobre a variação linguística.

3.1 A Teoria dos Exemplos

Conforme Pierrehumbert (2000, 2010), a TE é um modelo multirrepresentacional que considera a contribuição da experiência e do uso na organização do conhecimento linguístico. Segundo esse modelo, a experiência molda as representações mentais das palavras, sendo que o uso recorrente de um monotongo em detrimento de um ditongo, por exemplo, resultará em alterações na representação mental.

Em termos de modelos multirrepresentacionais, as estruturas linguísticas não são pré-determinadas, mas adquiridas por meio da generalização de itens lexicais armazenados conforme suas similaridades fonéticas e semânticas. Nesse contexto, Bybee destaca que a Fonologia de Uso (FU) e o Modelo de Exemplos (TE) diferem da visão tradicional, postulando que a representação mental do componente fonológico é múltipla, incluindo alofones e detalhes fonéticos (BYBEE, 1995, 2000, 2001).

Os trabalhos de Pierrehumbert (2002, 2003, 2006) foram fundamentais para o desenvolvimento do modelo de exemplos. Segundo a autora, não há parte da Fonologia isenta de substância, e a base fonética é concebida em termos neurofisiológicos, podendo ser investigada experimentalmente por meio da acústica da fala e instrumentos laboratoriais, como ultrassom e eletroglotógrafo.

Na obra "Fonologia na Perspectiva dos Modelos de Exemplares", de Thaís Cristóforo Silva e Christina Abreu Gomes, apresentam-se fundamentos relacionados à representação de informações sonoras, à emergência e estabelecimento de abstrações e ao papel da experiência do falante. Segundo Cristóforo Silva, as representações compartilhadas entre membros de uma comunidade derivam de experiências linguísticas, culturais, políticas e sociais. Dessa forma, a TE sugere que essas representações são complexas, destacando o detalhe fonético e a simplicidade do mapeamento organizado por conhecimento abstrato.

Os modelos fonológicos baseados em exemplares abordam principalmente três aspectos: 1) o detalhe fonético, estudando representações com detalhes finos, suscetíveis a alterações ao longo da vida do indivíduo; 2) os efeitos da frequência nas representações mentais, considerando a frequência de ocorrência e a frequência de tipo, que influenciam a organização fonológica; 3) a emergência e o gerenciamento gramatical de representações abstratas, destacando que em TE, as representações não são expressas por símbolos discretos, como em modelos tradicionais, mas refletem resultados experimentais ou empiricamente investigados.

Para Pierrehumbert (2006), pode-se compreender que a frequência de uso desempenha um papel crucial na TE, determinando a força relativa de cada exemplar e, desse modo, falantes de uma variedade linguística são mais expostos a exemplares característicos dessa variedade, fortalecendo suas representações mentais.

Nesse sentido, segundo Johnson (1997):

[...] em um modelo de exemplares, todas as amostras percebidas são armazenadas e categorizadas, criando assim, categorias que representam as variações encontradas no uso e no processamento da língua (JOHNSON, 1997, p.179).

O autor enfatiza que, além dos detalhes fonéticos, outros elementos, como a voz do interlocutor, os significados e os contextos de uso são armazenados na memória. As palavras são retidas com seus detalhes fonéticos e podem ser categorizadas em mais de uma ocasião, associadas a formas fonéticas distintas. Cada categoria fonética é representada na memória por exemplares, sendo que as categorias mais frequentes possuem um número maior de exemplares.

Parafraseando Silva (2011), a (TE) Teoria dos Exemplares é um modelo representacional na Fonologia e na categorização visual da Psicologia, tem sido objeto de discussões em pesquisas, abordando a multiplicidade das representações, evidenciando que os exemplares podem variar em densidade e organização representacional. Ao analisar

detalhadamente o som, obtemos um mapeamento simples, indicando que o conhecimento incorpora o armazenamento de memórias detalhadas das experiências linguísticas de produção e percepção, dando origem a generalizações analógicas.

As teorias multirrepresentacionais postulam que a experiência e o uso contribuem para a organização e o gerenciamento do conhecimento linguístico. Como anteriormente destacado, a experiência impacta as representações. Logo, esses modelos indicam que a palavra é a unidade de análise fundamental, sendo o detalhe fonético crucial na estruturação do conhecimento fonológico. Para preencher a lacuna entre a representação fonológica tradicional e os resultados experimentais, a literatura utiliza diagramas em redes que refletem a organização lexical, onde, para a TE, a palavra e sua ocorrência em construções específicas são o foco central (PIERREHUMBERT, 2001)

Na Teoria dos Exemplos, a representação mental abrange detalhes sobre as variantes fonéticas, incluindo traços acústicos específicos, não se limitando apenas aos que determinam contraste fonológico. A frequência de uma variante pode torná-la o melhor exemplar, ou protótipo, e o contexto em que as variantes ocorrem influencia sua categorização (BYBEE, 2001). Assim, a TE postula que o sistema tende a favorecer um exemplar mais frequente em detrimento de um menos frequente (PIERREHUMBERT, 2001).

Nesse contexto, a TE incorpora efeitos graduais nos julgamentos fonológicos, pressupondo que o falante armazena informações e categoriza com base em dados estatísticos do sinal da fala. As questões relativas à gradiência não representam um obstáculo para a identificação de estratégias específicas de focalização. Sendo assim, as técnicas empregadas na TE envolvem análise acústica, avaliando os efeitos de frequência e semelhança lexical em corpora da língua em questão.

A Teoria de Exemplos de Peso Dinâmico (JOHNSON, 2010), uma extensão evolutiva da Teoria dos Exemplos, ganha destaque na compreensão da variação linguística. Esta abordagem propõe que a mente humana mantém uma multiplicidade de exemplos linguísticos, cada um associado a um peso dinâmico que reflete sua frequência e relevância na experiência linguística individual. Autores como Johnson (2010) e Hawkins (2004) contribuíram significativamente para o desenvolvimento dessa teoria. Johnson (2010) enfatiza a importância da dinâmica ponderada na representação mental de exemplos, destacando como a variação linguística é moldada pela experiência linguística individual. Por sua vez, Hawkins (2004) explora as bases neurocognitivas da Teoria de Exemplos de Peso Dinâmico, fornecendo dados sobre como a mente processa e organiza exemplos linguísticos com diferentes pesos dinâmicos. Logo, essa abordagem busca entender a variação linguística

considerando não apenas a frequência, mas também a importância contextual dos exemplares na representação mental.

Como já dito anteriormente, nesta abordagem, direcionaremos nossa análise dos dados utilizando a Teoria dos Exemplares como referencial teórico. Essa perspectiva reconhece a natureza dinâmica da língua, moldada pelo seu uso cotidiano, e apresenta uma explicação mais abrangente e satisfatória para fenômenos de variação fonológica irregular, quando comparada a teorias que se baseiam em regras fixas. O escopo deste estudo concentra-se na investigação da duração tanto do ditongo decrescente oral quanto do monotongado, considerando condições específicas de uso linguístico e contextos sociais particulares. Essa escolha metodológica visa não apenas entender os padrões observados nos dados coletados, mas também interpretar a variação fonético-fonológica dentro de um contexto mais amplo de uso da língua, reconhecendo a influência das dinâmicas sociais nas manifestações da monotongação.

3.1.2 Estudos na perspectiva da Teoria dos Exemplares

Como já mencionado anteriormente, as pesquisas de Pierrehumbert (2001) revelam que modelos multirrepresentacionais armazenam e categorizam todas as amostras, gerando categorias que representam as variações encontradas no uso e processamento da língua. A Teoria dos Exemplares (TE), ao avaliar o conteúdo das representações mentais, sugere que a organização do conhecimento linguístico é gerenciada de maneira probabilística. Autores como Johnson (1997) e Pierrehumbert (2001) argumentam em suas pesquisas que os indivíduos podem ter múltiplas representações linguísticas, com a variação linguística armazenada na memória e constantemente atualizada com a experiência do falante.

Bybee (2006) afirma que, com o passar do tempo e com a evolução dos estudos linguísticos nessa área, valores de frequência e duração poderão ser definidos para diferentes fenômenos linguísticos, tendo em vista uma maior abrangência de análises. Ainda com base nos estudos de Bybee (2006), assumimos que o uso real das unidades linguísticas interage com a substância, ou seja, com a forma e o sentido, agindo sobre a estruturação mental da língua. Dessa forma, o uso repetido de um monotongo em detrimento do ditongo acarretará mudança na representação mental dessas palavras.

Diante dessas exposições, pode-se entender que a TE é um modelo representacional na Fonologia e na categorização visual da Psicologia. Ademais, a TE tem sido objeto de

discussões em pesquisas fonológicas, abordando a multiplicidade das representações, evidenciando que os exemplares podem variar em densidade e organização representacional.

Ademais, a professora e pesquisadora Christina Abreu Gomes, em “Fonologia em Perspectivas: Modelos Gerativos, Fonologia Prosódica e Modelo de Exemplares (2020)”, apresenta uma proposta à fonologia baseada no Modelo de Exemplares. Primeiramente, as bases epistemológicas do modelo abordado, iniciando pela premissa de que a experiência sensorial do indivíduo é detalhadamente armazenada em estruturas neuronais, sendo o conhecimento linguístico registrado de forma comum às demais experiências.

Pode-se concluir que a concepção da inclusão do detalhe em representações mentais é apresentada, enfatizando a ideia de Johnson (1997) a respeito da resistência de informações gradientes nos sistemas de memória, não sendo removidas por completo em processos de abstração, ainda que o fenômeno da normalização seja reconhecido, ou seja, ainda que haja atenuação de diferenças acústicas (motivadas por razões fisiológicas, por exemplo) entre os falantes.

Barboza (2023) explana na pesquisa “Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira” o objetivo geral de refletir sobre a palatalização das oclusivas alveolares /t, d/ → [tʃ, dʒ], característico de muitos falares do Português Brasileiro (PB), na construção da fonologia do Inglês Língua Estrangeira (ILE). Baseados nos preceitos da Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), do Modelo de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001) e na visão de língua enquanto Sistema Adaptativo Complexo (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008), tendo por hipótese básica que aprendizes brasileiros apresentam percursos diferenciados de construção da fonologia do ILE, a depender de seu falar regional. Os informantes foram controlados ainda quanto ao sexo e ao nível de proficiência no ILE.

Dessa forma, foram selecionados itens lexicais propícios à emergência da palatalização no PB e no ILE, buscando o controle da frequência de ocorrência, do contexto fonotático e da tonicidade silábica. No PB, P1 envolveu uma conversa sobre algumas figuras, enquanto P2 utilizou a leitura de diversas frases-veículo. No ILE, I1 envolveu a repetição de áudio distorcido associado a algumas figuras, I2 utilizou a leitura de diversas frases-veículo e I3 usou um jogo da memória em sua aplicação.

Os resultados do estudo transversal envolvendo a emergência da palatalização das oclusivas alveolares do PB enfatizaram o caráter não-categorico de fenômeno em ambas as regiões: a palatalização foi observada no falar do RN, e oclusivas alveolares não-palatalizadas foram observadas no falar do CE. A análise dos dados transversais do ILE apontou: a) a

variável origem como fator importante para determinar a maior ou menor emergência da palatalização, aprendizes do CE tenderam a uma maior palatalização; b) o tipo de vozeamento da oclusiva alveolar, com as desvozeadas mais propensas à palatalização; c) o indivíduo, sujeitos da mesma região e nível de proficiência realizaram o fenômeno de forma distinta, d) a palavra, itens lexicais com a mesma sequência fonotática apresentaram comportamentos divergentes; e e) o tipo fonotático, alguns tipos apresentaram percentuais semelhantes na realização da palatalização em ambas as regiões.

3.2 Estudos sobre o fenômeno linguístico Monotongação

A monotongação, fenômeno fonológico intrinsecamente ligado a fala popular, desempenha um papel de significativa relevância nas línguas neolatinas, preservando-se ao longo da história e exercendo influência nas dinâmicas linguísticas que se desdobram ao longo do tempo.

De acordo com Cristofolini (2011, p. 3), citado por Paiva (1996), a monotongação se revela como um processo fonético sendo abordada sob duas perspectivas essenciais: a diacrônica, que considera a evolução a partir do latim, e a sincrônica, que leva em conta a possibilidade do ditongo ser composto por dois núcleos silábicos consecutivos ou um núcleo silábico modificado pela semivogal (PAIVA, 1996 *apud* CRISTOFOLINI, 2011, p. 3).

Para compreendermos o fenômeno da monotongação, é imperativo adentrar no conceito subjacente de ditongo. Segundo as explanações de Cristóvão Silva (2011), o ditongo constitui-se de uma vogal que se destaca por variações contínuas de qualidade dentro de uma determinada faixa na área vocálica. Os ditongos decrescentes, constituídos por uma sequência de vogal-glide, podem ser classificados como nasais ou orais, sujeitos à redução em palavras categorizadas como substantivos e adjetivos.

A abordagem de Câmara Jr. (2002) embasa essa discussão ao analisar a representação dos ditongos decrescentes na estrutura silábica do português, lançando questionamentos sobre o status da vogal assilábica ou semivogal na sílaba. Essa exploração não apenas desvenda as complexidades dos ditongos, mas também aprofunda a compreensão da dinâmica linguística. No âmbito fonológico, esta alternância é interpretada como uma fronteira silábica variável desprovida de significado intrínseco.

Dessa forma, a monotongação, é percebida como uma variação fonética que facilita a articulação e/ou como uma marca linguística e dialetal. Nesse contexto, Cavaliere (2005)

contribui para essa compreensão ao destacar as diferenças detalhadas desse fenômeno linguístico.

[...] Essas considerações levam-nos a distinguir fonologicamente, de um lado, os processos de monotongação de [ay] e [ey] e, de outro, o processo que produz a monotongação de [ow]. Seguramente [ay] e [ey] reduzindo-se a [a] e [e] por influência do fonema vizinho à semivogal, ao passo que em [ow] o fenômeno é inerente a fronteira do próprio ditongo, visto que se manifesta até no monossílabo "ou". Um levantamento da vizinhança de [ay] e de [ey] nos vocábulos portugueses mostra-nos que estes ditongos perdem a semivogal somente perante consoante de traço palatal, ou seja, mais propriamente perante [z] [e] e [p] (CAVALIERE, 2005, p. 98).

O fragmento anterior destaca o fenômeno linguístico. Nesse contexto, é perceptível que essa variação não ocorre de maneira aleatória, mas sim em um processo estruturado. A monotongação se manifesta na fala e, curiosamente, não é contemplada pela gramática normativa, sendo amplamente difundida em diversas comunidades linguísticas brasileiras, sem sofrer estigma ou preconceito.

O processo de monotongação, em sua maioria, é condicionado pelo contexto fonológico subsequente. Notadamente, os ditongos [ay] e [ey] tendem a se monotongar mais frequentemente diante de fricativas alveolopalatais [ʃ], [ʒ], e da consoante tepe [ɾ] (LOPES, 2002; PEREIRA, 2004; BAGNO, 2012). Durante a monotongação, os ditongos orais decrescentes [ej], [aj] e [ow], podem sofrer a aplicação de uma regra variável de apagamento do glide palatal [j] ou velar [w], como exemplificado em palavras como "feixe" transformando-se em "fexe," "faixa" em "faxe," e "pouco" em "poco."

Mota (1986) ao explorar a variação do ditongo [ej] em Ribeirópolis (SE), com os dados auferidos para o *Atlas Linguístico de Sergipe* (FERREIRA et al. 1987) conclui que a monotongação de [eɪ] em contexto pré-vocálico está relacionada à qualidade da vogal que sucede o ditongo, variando entre ditongo preservado e monotongo quando sucedido por vogal baixa central [a] e tendendo a se preservar diante de vogal alta posterior [u].

Pesquisas de Lopes (2002), conduzidas em Altamira (PA), indicam que fatores linguísticos determinantes para a monotongação incluem a ocorrência do ditongo no radical da palavra (não no sufixo), o contexto seguinte, especialmente a presença de tepe e fricativa palato-alveolar, e a frequência de uso da palavra. Em relação aos fatores sociais, a escolaridade foi identificada como uma variável significativa, com maior ocorrência de monotongação entre os menos escolarizados.

Estudos de Amaral (2005), no Rio Grande do Sul, revelam que fatores linguísticos favoráveis à monotongação incluem o contexto seguinte (tepe e consoante palato-alveolar), tonicidade em sílabas átonas, e a classe gramatical da palavra, sendo mais frequente em não-

verbos. Amaral também destaca a faixa etária como um fator social relevante, com uma maior incidência de monotongação entre falantes com menos de 50 anos.

No cenário linguístico brasileiro, pesquisadores como Bisol (1989, 1994), Paiva (1996a, 1996b), Silva (1997, 2004), e Mollica (1998) têm se dedicado ao estudo da monotongação no português do Brasil, abrangendo tanto a modalidade oral quanto a escrita da língua. A diversidade no emprego da forma monotongada manifesta-se em diversas comunidades brasileiras, conforme atestado por estudos variacionistas realizados em distintas regiões do país (PAIVA, 1996a, 1996b; SILVA, 1997, 2004). A fim de consolidar essas evidências, conduzimos uma revisão, explorando a literatura sobre a monotongação de ditongos decrescentes orais no português brasileiro.

No contexto da monotongação, conforme delineado por Haupt (2011), esse fenômeno é considerado uma forma de redução, representando uma variação de superfície fonética. A hipótese levantada sugere que palavras mais frequentes são mais propensas a esse fenômeno, considerando sua natureza fisiológica, conforme destacado por Phillips (1984). Bybee (2001), ao abordar a delimitação de categorias linguísticas, argumenta que as diferenças alofônicas percebidas e descritas pelos linguistas são suficientes para constituir categorias separadas, permitindo a identificação de categorias intermediárias entre ditongos e monotongos, embora a transição entre elas seja gradual.

A pesquisa conduzida por Haupt (2011), intitulada "O Fenômeno da monotongação dos ditongos [aj, ej, oj, uj] na fala dos florianopolitanos: uma abordagem a partir da fonologia de uso e da teoria dos exemplares," adota uma abordagem inovadora ao realizar uma análise quantitativa das instâncias de monotongação dos ditongos decrescentes [aj, ej, oj, uj] em sílabas abertas e fechadas² na fala dos informantes. A pesquisa, utilizando o banco de dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e fundamentou-se nos princípios da Fonologia de Uso e na Teoria dos Exemplares.

Ao explorar a profusão dos dados linguísticos à disposição, os resultados evidenciam uma categorização distinta da incidência de monotongação em sílabas abertas, quando comparada com aquelas em sílabas fechadas. Essa diferenciação está intrinsecamente vinculada à frequência de utilização e ao específico arranjo estrutural linguístico.

A pesquisa de Haupt (2011) ratifica que o fenômeno de variação não se dá de forma abrupta, pois através da análise acústica de algumas entrevistas, verificou-se a gradiência da monotongação. Observou também que a semivogal deixa vestígios de sua presença: na

² Haupt (2011) denomina sílabas abertas as consoantes seguintes palatoalveolar e tepe, e fechadas há a influência da palatalização da fricativa final como determinante para o apagamento da semivogal.

duração do segmento resultante da monotongação e na trajetória dos formantes, em que identificou diferentes configurações, tais como o primeiro alvo (vogal de base) alongado ou a articulação de um segundo alvo (semivogal) que não se completa. Ademais, a autora constatou que, mesmo em ditongos, nem sempre é possível identificar dois alvos estáveis, fato que nos leva a considerar que a gradiência do fenômeno já se inicia nos segmentos que ainda percebemos como ditongos.

No âmbito da Sociolinguística e da Fonética Acústica, Cristofolini (2011) empreende um estudo que analisa o fenômeno da monotongação no ditongo [ow], com oito informantes da comunidade de Ratonés, localizada em Florianópolis, Santa Catarina. Este estudo não apenas se concentra na análise fonética, mas também considera variáveis linguísticas e sociais, como idade e escolaridade. A autora (2011) destaca a importância de variáveis linguísticas fonológicas na manifestação desse fenômeno, pois contribui para uma análise mais refinada e contextualizada das variações linguísticas observadas.

Cristofolini (2011) sugere que a monotongação do ditongo [ej] pode ser considerada uma mudança em curso, manifestando-se ora na manutenção do ditongo, ora no apagamento da semivogal. A autora destaca que esse fenômeno já estava presente na transição do latim clássico para o vulgar e permanece nas línguas românicas. Monotongação, segundo Cristofolini, é o processo pelo qual ditongos passam por um apagamento da semivogal, reduzindo-se a vogais simples.

Os resultados derivados da pesquisa conduzida por Cristofolini (2011) evidenciam uma graduação entre a preservação do ditongo [ow] e o desdobramento resultante da monotongação. Esta graduação insinua que esse processo não se manifesta de maneira dicotômica, mas, ao contrário, se desenrola de modo gradual, suscetível às variações que podem ser influenciadas por diversos fatores linguísticos e sociais.

Um exemplo ilustrativo dessa gradiência pode ser encontrado na análise da compensação da duração no processo de monotongação. Em determinados contextos, a monotongação pode resultar em uma alteração na duração da vogal, sendo essa uma compensação fonética observada nos informantes. Por exemplo, o ditongo [ai] pode ser monotongado para [a], e a compensação da duração pode ser evidenciada pela prolongação da vogal resultante.

A pesquisa conduzida por Souza (2022), intitulada "Monotongação dos ditongos decrescentes orais [oʊ], [eɪ], [aɪ], e [oɪ] (representações do autor) na fala e na leitura em voz alta de universitários sergipanos", concentra-se em examinar a ocorrência dessas alterações fonéticas em situações de fala espontânea. A metodologia adotada por Souza (2022) destaca-

se pela utilização de uma abordagem acústica, cujas percepções auditivas por meio da análise de parâmetros pré-estabelecidos, contribui para a fundamentação empírica e a confiabilidade dos resultados obtidos. Essa abordagem permite uma compreensão mais aprofundada das variações fonéticas presentes na monotongação dos ditongos decrescentes orais [ou̯], [eɪ], [aɪ], e [oɪ]³.

Diante dessas evidências da pesquisa realizada por Souza (2022), o autor concluiu que a monotongação de [ou̯] é uma mudança já implementada no português brasileiro, sem restrições linguísticas ou sociais que barrem o processo, tendo em vista que ocorre em todos os contextos com elevados percentuais. Vale a pena apontar que o trabalho de Souza (2022) não se dá com a abordagem da TE.

Dessa forma, após as discussões dos trabalhos mencionados, podemos ver que o contexto seguinte constituído de consoante palato-alveolar e tepe são fatores foneticamente condicionantes para o processo de monotongação. No entanto, não há consenso entre os resultados em relação aos outros fatores, até porque nem todos os estudos consideram as mesmas variáveis e trabalham com todos os ditongos.

3.3 Estudos sobre a variação no Português Brasileiro na perspectiva tradicional

Neste ponto da análise, torna-se imprescindível estabelecer um diálogo teórico com as pesquisas que estão ganhando espaço nos estudos de Fonologia e variação no português brasileiro. Diante disso, Gerusa Pereira (2004) em um trabalho de dissertação, por exemplo, analisou-se o fenômeno em Tubarão (SC), descreveu o apagamento das semivogais dos ditongos orais nas falas dos tubaronenses. Para isso, a autora analisou o banco de dados do VarX, composto por amostras da linguagem oral dos habitantes de Pelotas. Com a análise de 12 entrevistas distinguiram-se os fatores extralinguísticos para a avaliação do processo de monotongação: o gênero, a faixa etária (de 16 a 25 anos e de 50 a 65 anos) e o tipo de atividade profissional (manual, técnica ou intelectual).

Delimitou como variáveis linguísticas a classe da palavra, o contexto precedente, isto é, o ponto de articulação do segmento anterior ao ditongo, o tipo de vogal do ditongo, o tipo de semivogal, o contexto posterior, ou seja, o ponto de articulação do segmento posterior ao ditongo, a tonicidade da sílaba em que está o ditongo e a posição do ditongo no vocábulo. Os resultados apontaram que a monotongação é um processo não estratificado socialmente, isto

³ Representação usada pelo autor.

é, todos os falantes, independentemente de classe social, idade ou gênero, fazem-no, sem que a expressão desse fenômeno resulte em uma forma estigmatizada socialmente.

As pesquisas de Da Hora (2002) discutem questões que buscam uma interface entre variação, estilo, atitude, acomodação e percepção. Na obra intitulada "Linguagem e estrutura da língua", Da Hora (2021) esclarece os estudos linguísticos que consideram a variação como algo inerente à língua, consagrados a partir do trabalho iniciado por William Labov nos Estados Unidos, observando que a percepção da língua como variável remonta a vários séculos.

Em Da Hora (2021), o autor ainda apresenta a Sociolinguística na perspectiva laboviana, que defende a heterogeneidade ordenada, possibilitando a sistematização do aparente caos da língua. Com base nessa abordagem, é possível compreender que a variação presente na fala também faz parte da língua. Esse contexto visa relacionar o conteúdo dessa vertente teórico-metodológica, a Sociolinguística Variacionista, também denominada de Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação. Desta forma, os estudos que compõem este trabalho, em sua maioria, analisam um fenômeno linguístico variável específico, demonstrando a correlação entre uma variável determinada e um conjunto de restrições, sejam elas de natureza estrutural ou social.

Portanto, por meio das apresentações das pesquisas supramencionadas, percebemos que os estudos linguísticos sobre variação e fenômenos fonológicos são fundamentais para o crescimento de estudos nestas áreas da Língua Portuguesa, tendo em vista que eles observam o comportamento desses processos fonológicos que são variáveis na fala e na situação de leitura.

3.4 Sociolinguística Laboviana

A Sociolinguística surgiu na década de 1960, a partir dos estudos do americano William Labov e outros linguístas que reconheceram a influência do meio social e do contexto da linguagem. Labov foi o primeiro a realizar um estudo mais voltado para relação entre a língua e a sociedade, na possibilidade virtual e real de se sistematizar avaliação existente e a própria língua falada. Em suas pesquisas aborda-se temas como: os fatores da língua e sua interação na sociedade com uma perspectiva sócio-histórica. Assim, Labov pauta o seu estudo no método sociológico, pois para compreender melhor a língua e sua intervenção na sociedade é preciso primeiramente, analisar e registrar metodicamente diferentes falares.

Dessa forma, destaca-se a língua neste estudo, como objetivo de construção social, uma vez que o ser humano é formado por pluralidades e a língua também.

Nesse sentido, através da Sociolinguística podemos compreender as variantes e variações de uma determinada língua, detectando as mudanças e seu grau de estabilidade dentro das variações. Estudar a língua na dimensão social é bastante vertical, pois implica estudo dos falares de diferentes grupos dentro de uma mesma comunidade. Desse modo, os usuários são agrupados de maneira sócio-econômico, escolaridade, idade, sexo, raça e profissão. Portanto, a Sociolinguística estará sempre em busca de novos estudos que auxiliem a compreender as variações existentes na língua materna.

Dessa forma, as teorias que hoje estuda-se podem ser transformadas, reavaliadas e até mudadas de acordo com o grau de estudo estabelecido e pretendido para aquela ocasião e necessidade, pois respeitam o real e o vivido na prática de cada falante de Língua Portuguesa, sempre aceitando a inovação como ponto de estudo para tal área de conhecimento.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, delineamos a metodologia empregada na pesquisa, fornecendo informações sobre os procedimentos adotados. Discutimos as características específicas da pesquisa, assim como os métodos de análise escolhidos para atingir os objetivos propostos nesta dissertação.

4.1 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem metodológica que integra métodos qualitativos e quantitativos, envolvendo a participação de 12 indivíduos. No processo de recrutamento, a pesquisadora assinou a documentação junto a AQB (Associação Quilombola Kalunga), apresentou-se aos participantes e providenciou os documentos necessários, incluindo a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFT⁴ e o Termo de Esclarecimento e Consentimento Livre (TCLE) (conferir ANEXO 2). Por meio desse instrumento, cada participante foi informado acerca de todas as etapas do estudo, assegurando-se, concomitantemente, o sigilo e o anonimato das informações pessoais

⁴ Número da autorização do Comitê de Ética: 5.591.489

coletadas. Essa abordagem reforça o compromisso ético e legal da pesquisa, garantindo o respeito aos direitos e à privacidade dos participantes envolvidos.

A coleta de dados foi realizada por meio de gravações, as quais foram subsequentemente transcritas foneticamente. As gravações foram conduzidas pela pesquisadora utilizando um microfone Sony ICD-PX 240, especificamente selecionado para este propósito, e posteriormente analisadas no *software* de análise acústica PRAAT. Em consonância com essa escolha metodológica, Fonseca (2009) ressalta a importância do PRAAT, afirmando que:

[...] é um software livre, bastante difundido e respeitado no meio científico como um programa de análise acústica da fala. Uma grande gama de trabalhos nas áreas de fonética e fonologia faz uso desse programa, que oferece uma série de funções, como: “analisar, sintetizar, e manipular desde os segmentos até a melodia dos sons da fala e ainda é possível criar figuras de alta qualidade como espectogramas, oscilogramas, curvas de pitch, intensidade e muito mais. (FONSECA, 2009, p. 2).

A incorporação do *software* PRAAT na condução da análise acústica confere uma vantagem considerável para estudos fonéticos, uma vez que a capacidade intrínseca do PRAAT em visualizar e manipular ondas sonoras da fala e espectrogramas constitui uma base para a realização de análises acústicas. Assim, a escolha metodológica de empregar o PRAAT nesta pesquisa não apenas adere às práticas recomendadas na área, conforme destacado por Fonseca (2009), mas também enfatiza a precisão na análise dos dados fonéticos coletados durante o estudo.

Além disso, na coleta desses dados, empregou-se um questionário oral composto por perguntas sobre a vida e os sonhos dos participantes em relação ao local onde residem (conferir ANEXO 3). As respostas eram apresentadas de forma espontânea, visando evitar qualquer monitoramento da fala. Adicionalmente, os informantes realizaram-se a leitura de 15 imagens, uma de cada vez, tendo em vista que esta lista dos ditongos decrescentes foi explorada durante a pesquisa, fornecendo uma representação fonética de cada ditongo analisado.

Cada ditongo é identificado por sua estrutura fonética, com as representações específicas dos ditongos /ai/, /ei/ e /ou/ indicadas como [aj], [ej] e [ow], respectivamente. Esta listagem serve como referência para a compreensão e análise dos padrões de monotongação, permitindo uma identificação das variações fonéticas subjacentes a cada ditongo decrescente considerado no escopo da pesquisa.

O Quadro 2 lista as palavras para cada ditongo, sendo importante ressaltar que a escolha destas últimas foi guiada pela observação dos padrões linguísticos dos participantes. A amostra, constituída pela leitura de quinze palavras por cada um dos 12 participantes, totaliza itens gravações. As palavras incluídas nesta lista, como "paixão", "queijo", "vassoura", "baixo", "bombeiro", "cenoura", "caixote", "passageiro", "roupa", "faixa", "feijão", "ouro", "caixa", "azeite" e "touro", representam exemplos de palavras com ditongos decrescentes e que fazem parte do contexto cotidiano, permitindo uma análise abrangente dos padrões de monotongação presentes na fala dos participantes.

Quadro 2 - Lista de palavras com ditongos decrescentes

Palavras com /ai/	Palavras com /ei/	Palavras com /ow/
Paixão	Queijo	Vassoura
Baixo	Bombeiro	Cenoura
Caixote	Passageiro	Roupa
Faixa	Feijão	Ouro
Caixa	Azeite	Touro

Fonte: Elaboração própria, 2022.

O conjunto de dados provém do estudo realizado com membros da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas, localizada em Cavalcante (GO). Os participantes foram categorizados em dois grupos, compreendendo 6 (seis) homens e 6 (seis) mulheres, distribuídos em três faixas etárias distintas. No primeiro grupo (faixa I), estão quatro participantes com idades entre 30 e 39 anos; no segundo grupo (faixa II), encontram-se quatro informantes na faixa etária de 40 a 59 anos; e no terceiro grupo (faixa III), quatro informantes com idades entre 60 e 70 anos.

O Quadro 4 apresenta uma sistematização dos participantes, organizando-os de acordo com faixa etária e sexo. Em cada faixa etária, há uma representação equitativa de participantes de ambos os sexos, totalizando quatro informantes em cada categoria. Foram atribuídas designações específicas para cada participante, sendo eles identificados como PF1 (Participante Feminino 1) e PM1 (Participante Masculino 1), levando em consideração a faixa etária individual de cada um. Essa nomenclatura foi adotada como medida organizacional para facilitar a referência aos participantes ao longo da análise e apresentação dos resultados.

Quadro 3. Sistematização dos diferentes reagrupamentos dos participantes

Faixa etária	Sexo	Quantidade de informantes
30-39	PF1, PF2, PM2, PF5	4
40-59	PF3, PF5, PM3, PM6	4
60-70	PF4, PF6, PM1, PM4	4
		Total: 12

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Ao adotar a perspectiva da Teoria dos Exemplares, a presente pesquisa reconhece a singularidade de cada participante como um exemplar único, cujas características e padrões fonéticos contribuem para uma compreensão mais rica e contextualizada do fenômeno estudado. A individualidade, traçada pela trajetória linguística e comportamental de cada participante, é vista como um elemento essencial na análise fonológica, reforçando a ideia de que a fonologia não é uma entidade homogênea, mas sim moldada pela diversidade e especificidades dos falantes.

Neste sentido, ressalta-se que a abordagem adotada nesta pesquisa busca ir além da visão tradicional que trata a fonologia de maneira uniforme, considerando-a como uma manifestação complexa e variável, intrinsecamente ligada às experiências individuais. A compreensão dessas particularidades individuais não apenas enriquece a análise fonológica, contudo também destaca a interconexão entre a fonologia e a experiência pessoal, reforçando a necessidade de uma abordagem holística na investigação linguística.

Dessa forma, na próxima seção, apresentamos a caracterização da pesquisa sociolinguística e dos indivíduos participantes do contexto quilombola Kalunga Vão de Almas que residem há muito tempo neste local, cultivam a agricultura para sustento e raízes para a produção de remédios caseiros. É importante mencionar que para organização dos resultados adotamos a pesquisa quantitativa.

4.2 Caracterização da pesquisa

A pesquisa realizada compreende duas etapas metodológicas distintas. A primeira, no escopo da Sociolinguística, adota um roteiro semiestruturado de perguntas abordando temas cotidianos, seleção de participantes, coleta de dados (entrevistas) e identificação de fatores linguísticos e sociais abordados no estudo. A segunda, Teoria de Exemplares apresenta acusticamente dados relacionados aos ditongos [aj], [ej] e [ow] com análises de duração.

A Sociolinguística é empregada para compreender variáveis linguísticas, incorporando a comunidade de fala e aspectos sociais. Conforme argumenta Freitag (2011), a heterogeneidade da língua é sistematizável, e o falante desempenha papel crucial na sistematização de casos de variação. A relação entre língua e sociedade é essencial na análise linguística, destacando a importância de identificar fatores linguísticos e sociais que condicionam casos de variação.

A fala pode evidenciar marcas regionais e refletir características sociais dos falantes. Pesquisas bibliográficas sobre as características geográficas, históricas, linguísticas e culturais do território Kalunga foram realizadas para embasar este estudo fonológico. A perspectiva variacionista (Sociolinguística) proposta por Labov revela-se como uma metodologia para operacionalizar a língua e a faixa etária, com interações sociais determinando dinâmicas linguísticas.

Na análise dos ditongos decrescentes orais do PB pela fonética acústica, utilizou-se o espectrograma de banda larga do *software* Praat (BOERSMA, 2001) para examinar a duração e a transição formântica.

Quanto à caracterização da pesquisa, adotou-se uma abordagem quantitativa, conforme preconizado por Minayo (2012), que se concentra em tudo que pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las.

A metodologia qualitativa, conforme também destacado por Marconi e Lakatos (1999), busca analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano e oferecendo uma análise detalhada das interações, hábitos, atitudes e tendências de comportamento.

Segundo Sieben e Cleps junior (2013, p. 41):

[...] iniciaram principalmente na antropologia e na sociologia. Posteriormente, ciências como a geografia utilizaram metodologias dessas ciências para explicar seu objeto de estudo. No âmbito da pesquisa qualitativa, o uso de instrumento e metodologia é diverso (SIEBEN; CLEPS JUNIOR, 2013, p. 41).

Além de adotar uma abordagem qualitativa, incorporamos também o método quantitativo, uma estratégia de pesquisa social que utiliza a quantificação na coleta e análise de informações. Desse modo, tanto a pesquisa sociolinguística, centrada na análise qualitativa, quanto a pesquisa qualitativa-quantitativa, que combina elementos de ambas as abordagens, desempenharam funções essenciais na condução do estudo e na obtenção dos resultados almejados.

4.3 Universo e sujeitos da pesquisa

Os participantes selecionados residem no território Kalunga, abrangendo homens e mulheres com estilos de vida diversificados, variando em níveis de escolarização e ocupações que incluem cuidadores do lar, motoristas de ônibus escolar, agricultores e professores em formação. É de suma importância destacar que as entrevistas foram conduzidas nos ambientes escolhidos pelos próprios participantes, como em suas residências, quintais ou locais de trabalho. Durante as entrevistas, os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e concordaram em participar, respondendo a perguntas que abordavam relatos de infância, juventude, sonhos, experiências de trabalho e vivências de dor e alegria.

Entre os participantes masculinos, encontram-se trabalhadores rurais e foliões de festas religiosas, com idades variando de 31 a 70 anos. Já as participantes femininas abrangem estudantes universitárias, agricultoras e cuidadoras do lar, com idades entre 30 e 69 anos.

O PM1 é um trabalhador rural e folião das festas religiosas da comunidade. Tem 70 anos, analfabeto, nasceu no território Kalunga e reside juntamente com sua esposa, seis filhos e netos. Ele nos relatou que trabalhar na roça é um trabalho cansativo, porém prazeroso e dignificante, visto que planta e consegue colher. Se sente feliz em viver e compartilhar seus saberes para os filhos, netos e outras pessoas.

O PM2 nasceu na comunidade, é um jovem trabalhador rural, tem 31 anos, estudou até a 8ª série do Ensino Fundamental, casado e pai de uma filha. Ele contou-nos que nunca imaginou viver longe das suas raízes, disse que seu sonho é ajudar ainda mais as pessoas que moram na comunidade. Disse que decidiu continuar no território Kalunga, pois seus pais moram lá e juntos podem plantar roça para a própria subsistência.

O PM3 é um senhor de 52 anos, homem simples que trabalha com plantação de roça juntamente com sua esposa e netos. Nos relatou que mora na comunidade desde que “entendeu como gente”, começou a trabalhar ainda na adolescência e de lá até os dias atuais, não para nem um dia sequer. Apesar disso, não se deixa embrutecer pela dureza da vida. Ele afirma que gosta de viver em um lugar tranquilo, próximo ao rio, pois pode plantar e colher. Contudo, ainda não se sente realizado, ainda sonha em aprender a ler e escrever.

O PM4 é um senhor de 66 anos, casado, pai de oito filhos e agricultor rural. O PM4 relatou durante a entrevista que sempre residiu neste território, casou e constituiu sua família. Já os seus filhos após a idade adulta mudaram para outras cidades: Brasília (DF), Goiânia (GO) e Catalão (GO) para estudar e trabalhar, logo decidiram se fixar nestes locais. Cuidar da

terra é a atividade que ele mais gosta de fazer, pois aprendeu com seus pais, a plantar e colher: arroz, abóbora e outros legumes que a terra dá.

O PM5 tem 38 anos, agricultor rural e motorista escolar, estudou até a 6ª série, mora na comunidade desde que nasceu, afirmou que teve a oportunidade de morar fora da comunidade, especificamente em Brasília-DF. Porém, não se adaptou e dentro de dois meses, ele retornou. Atualmente, é casado com uma mulher de 35 anos e juntos possuem dois filhos.

O PM6 tem 48 anos, mora com seu irmão de 54 anos em uma casa simples, construída com adobe e palhas; eles nasceram e cresceram na comunidade. O PM6 nunca frequentou a escola, entretanto, possui muitos saberes históricos e medicinais. Ele lavra a terra e cultiva alguns alimentos para o seu sustento.

A PF1 tem 30 anos, possui dois filhos, cursa Licenciatura em Educação do Campo-Artes visuais e música na UFT no campus de Arraias-TO. Ela nasceu em Cavalcante (GO), porém desde os cinco anos retornou para a comunidade com seus pais. Aos dezesseis anos, ela se casou com um rapaz que já residia no território Kalunga e juntos decidiram continuar morando no Vão de Almas. Durante a entrevista, contou-nos que se orgulha em pertencer a origem quilombola e pretende concluir o curso, logo após trabalhar na escola do campo.

A PF2 é estudante do curso Educação do campo na Universidade de Brasília (UNB), campus de Planaltina-DF, tem 34 anos, casada, mãe de três filhos e mora na comunidade desde os onze anos de idade. Ela conta que antes morava com seus avós, e após terem falecido, decidiu continuar morando na comunidade para plantar e colher alimentos sem agrotóxicos. Ao ser questionada sobre sonhos após a conclusão do curso, ela afirmou que pretende ser professora na área de ciências da natureza na escola do campo.

A PF3 tem 57 anos, sem escolaridade, mora com seu pai, dois filhos e cinco netos em uma casa simples de adobe e palhas. Ela conta que morar na comunidade é como “morar no paraíso”, tem tudo que precisam. Não pretende morar na cidade, pois afirma que não sabe trabalhar em outro serviço, a não ser plantando roça para sua própria subsistência. Durante a entrevista nos apresentou a plantação de arroz, mandioca e abóbora.

A PF4 tem 60 anos, aposentada, analfabeta, casada, mãe de dez filhos e avó de quinze netos. Ela afirma que desde que se casou é cuidadora do lar, planta hortaliças, ajuda o esposo na plantação de roças de arroz, mandioca, milho e abóbora. Ao ser questionada sobre sonhos para a comunidade, a participante afirmou que “um posto de saúde seria muito importante para todos,” pois quando adoecem precisam ir para a cidade, e é muito difícil o acesso.

A PF5 tem 43 anos, estudou até a sexta série (Ensino Fundamental), é casada, tem cinco filhos, mora em uma casa simples de adobe e palha. Ela conta que diversas vezes quis ir

morar na cidade, porém pensou mais sobre deixar a terra e a criação de gados. Acredita que a comunidade melhorou muito, principalmente na área da educação, porque antes a escola não funcionava todos os dias, faltava alimentos e professores. Hoje já não falta, pois a escola Kalunga I possui uma estrutura física regular, atende a série Pré-escola até a segunda série do Ensino Médio.

A PF6 tem 69 anos, mãe de sete filhos e guardiã dos saberes medicinais. Ela conta que sempre é convidada para apresentar seus saberes medicinais em eventos científicos. É analfabeta, entretanto seus conhecimentos têm levado em lugares que antes acreditava ser impossível. Ela ainda nos contou que aprendeu a colher folhas, cascas e raízes com a sua mãe que era raizeira, sabe preparar garrafadas e chás com especialidade na saúde da mulher.

Dessa forma, após a apresentação dos participantes mencionados, podemos compreender que a história de vida de cada participante Kalunga traz em si a trajetória marcada por muitas lutas e desafios. Entretanto, conhecer a identidade, o espaço físico, língua e a cultura nos faz aproximar por meio de estudos e observações. A seguir, descrevemos a execução da pesquisa.

4.4 Execução da pesquisa

A trajetória desta pesquisa teve início com a primeira visita à comunidade em março de 2021, marcando o início da execução do projeto científico pela UFT. Ao adentrarmos a comunidade e nos dirigirmos à escola, uma chuva fina nos recebia, e alguns moradores, generosos, nos convidaram a entrar em suas casas, estabelecendo um vínculo inicial. Durante esse momento inicial, tivemos o privilégio de conhecer a Escola Kalunga I, um local com uma estrutura física simples e organizada. Os professores, de maneira receptiva, apresentaram-nos não apenas o espaço físico, mas também os estudantes. Foi nessa ocasião que tomamos conhecimento da Romaria de Nossa Senhora de Abadia, uma festividade tradicional que ocorre anualmente, enraizada na história da comunidade há quase dois séculos.

Em 2019, participamos ativamente desses eventos e festividades religiosas em agosto, vivenciando momentos enriquecedores que constituem parte do patrimônio cultural imaterial do povo Kalunga. No entanto, em 2020, devido à pandemia da COVID-19 e com a presença de pessoas idosas na comunidade, a Associação Quilombo Kalunga (AQK) informou que as visitas estavam suspensas até que todos fossem vacinados. Em virtude dessas circunstâncias, a execução desta pesquisa em relação aos dados só começou em julho. No segundo semestre de 2021, após a aprovação no Comitê de Ética da UFT, realizamos as entrevistas, concluindo a pesquisa em dezembro de 2022.

Antes de procedermos à fase de registro dos dados, os participantes colaboraram fornecendo informações essenciais através do preenchimento de uma ficha social , cujo modelo pode ser consultado no ANEXO 1. Essa ficha social foi concebida como um instrumento para a coleta de dados , englobando elementos como nome, idade, gênero, nível educacional e ocupação profissional de cada indivíduo participante. A adoção dessa estratégia sistemática na coleta de informações prévias desempenhou um papel fundamental, possibilitando a construção de um panorama sociodemográfico completo.

É relevante sublinhar que os participantes foram plenamente informados sobre a relevância desta pesquisa relacionada ao fenômeno fonológico da monotongação e outros fenômenos linguísticos. Indagamos sobre o interesse em participar e nos colocamos à disposição para esclarecimentos. As gravações desta pesquisa de campo ocorreram em vários dias e horários, intercalados com os moradores.. Escutamos histórias de luta e resistência, o que nos permitiu compreender o sujeito Kalunga em sua plenitude, assim como sua cultura, organização social, econômica e territorial como uma comunidade remanescente de quilombos. A relação desse povo com o "outro" e com o espaço é de extrema relevância, pois, como afirmado por Severino (2007, p. 115), "a realidade humana só se faz conhecer na trama da cultura, malha simbólica responsável pela especificidade de existir dos homens, tanto individual quanto coletivamente".

Portanto, a ida à comunidade Kalunga com o propósito de vivenciar sua história, dialogar, conduzir entrevistas e definir os participantes que integrariam diretamente a pesquisa, participando das interlocuções e festas religiosas populares, além de conhecer a plantação no quintal Kalunga, proporcionou-nos uma perspectiva diferenciada sobre esse povo de resistência e sobre esse território como um espaço de saberes.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, efetuamos a descrição e a análise do fenômeno fonológico reconhecido como monotongação, concentrando-nos nos ditongos decrescentes orais [aj], [ej] e [ow], em duas distintas amostras linguísticas: a fala espontânea e a leitura de imagens em voz alta. É importante enfatizar que essa amostra é constituída por entrevistas sociolinguísticas, com duração média de 1h, realizada com participantes Kalunga da comunidade quilombola Vão de Almas, localizada no município de Cavalcante (GO). Ademais, as análises acústicas foram realizadas no Praat, versão 4.6.21, em ambientes com baixo ruído, mas sem intervenção na qualidade dos dados.

Por meio desta pesquisa, observamos, também, que a variável social utilizada neste estudo sociolinguístico que mais se destaca é a faixa etária, principalmente se comparado entre jovens, adultos e idosos. Nas duas amostras linguísticas, os informantes mais velhos monotongam com mais frequência. No que concerne à variável sexo, as mulheres apresentaram maior ocorrência da monotongação na fala espontânea e na leitura de imagens.

A monotongação nos ditongos /aj/, /ej/ e /ow/ resultam na pronúncia de uma vogal única, como exemplificado em palavras como "baixo," "beijo" e "ouro." O ditongo [aj] apresenta alto percentual de palavras cotidianas, como ocorre em "caixa", "apaixonado", "baixo", "debaixo" e "paixão".

Haupt (2011) enfatiza que o ditongo [aj] é restrito em alguns casos, ocorrendo a monotongação apenas quando sucedido por sons representados por [j] devido à proximidade articulatória com a semivogal do ditongo. Sendo assim, a monotongação de [aj], assim como nos outros ditongos, não corresponde a uma vogal simples, mas a uma forma intermediária.

A monotongação do ditongo [ej] ocorre tanto na leitura quanto na fala espontânea, em palavras como "passageiro", "terreiro", [mea]"meia", "macaxeira", "bagageiro", "mamadeira", "feijão", "dinheiro" e "poeira". Observamos maiores percentuais de monotongação em situações de fala espontânea em comparação à leitura de palavras. O ditongo [ej] também foi monotongado em palavras como "azeti", "peixe" e "queijo", com maior percentual na fala espontânea.

No tocante ao ditongo [ow], a monotongação para [o] é evidenciado na fala e na leitura de palavras como "pouco", "touro", "outro", "roupa", "doutor" e "ouro"; Apresenta maior percentual na fala espontânea em comparação ao ditongo [aj].

No que concerne ao ditongo [ow], Haupt (2011) em sua pesquisa realizada em Florianópolis, esclarece que a monotongação deste ditongo já está consolidada no Português

brasileiro, sendo suscetível ao apagamento quando sucedido pela consoante [r] e sílabas tônicas medial e final. Ademais, ao analisarmos palavras como "andou", "cenoura" e "acabou", constatamos a ausência da semivogal, evidenciando a monotongação. Haupt (2011) também destaca que o fenômeno de variação ocorre de forma gradiente, evidenciado pela análise acústica, que identificou vestígios da semivogal na duração do segmento resultante da monotongação e na trajetória dos formantes. Mesmos em ditongos, nem sempre é possível identificar dois alvos estáveis, indicando que a gradiência do fenômeno se inicia nos segmentos que ainda são percebidos como ditongos.

Há diferenças de ocorrências de monotongação entre as amostras da leitura e imagens em comparação com a fala espontânea. Além disso, o conceito de leitura pode variar dependendo da abordagem, sendo essencialmente um processo de representação que ativa aspectos fonológicos na memória do leitor, conforme proposto por Leffa (1996).

Em síntese, os resultados demonstram que os ditongos decrescentes orais [aj], [ej] e [ow] evidenciam a presença da monotongação na fala espontânea (Anexo 5) e leitura de imagens (Anexo 4), proporcionando dados sobre a variação fonológica na comunidade Kalunga. Nesse sentido, a metodologia acústica foi importante para a descrição deste fenômeno fonológico variável, observada com maior precisão e conferida na próxima seção e apresentamos também os quadros com os percentuais e totais da monotongação constantes nos dados.

5.1 Duração dos ditongos orais monotongados

O *corpus* coletado compreende duas amostras: ditongos preservados e monotongados, sendo a análise estruturada considerando variáveis sociais e linguísticas. Inicialmente, apresentamos a forma de onda e o espectrograma de banda larga dos ditongos decrescentes preservados e monotongados, com especial atenção para a análise da duração. Em seguida, descrevemos o percentual de monotongação nos ditongos decrescentes orais, tanto na fala espontânea quanto na leitura de imagens.

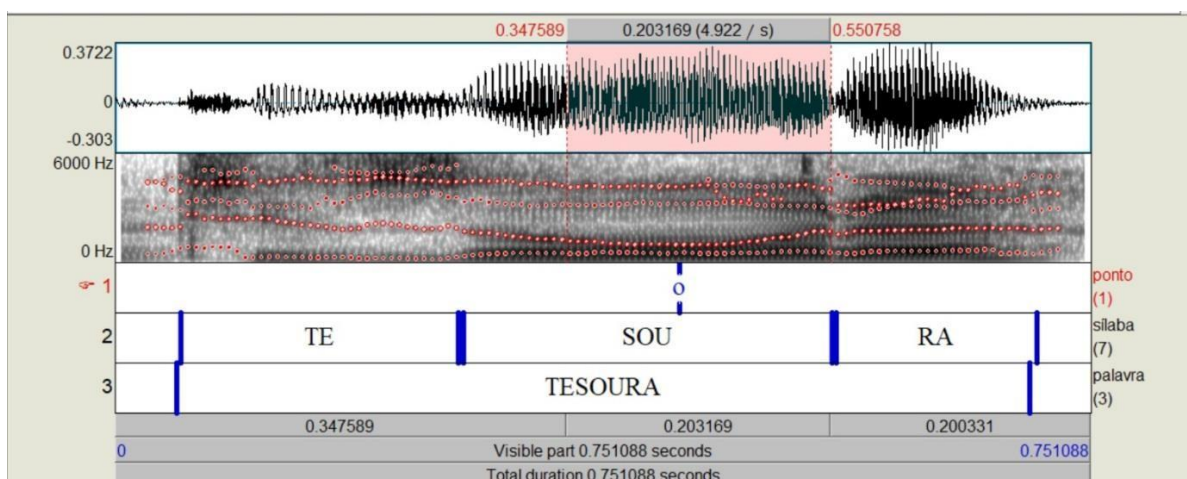
O espectrograma destaca as formas de onda, oferece uma representação gráfica da duração das palavras tanto na fala espontânea quanto na leitura de imagens realizada pelos participantes Kalunga. Esta ênfase visa ressaltar o processo de apagamento do ditongo, no qual, ao invés de produzir o som [u], a pronúncia mantém-se no som de [o].

O fenômeno em questão é caracterizado como o apagamento do ditongo, conforme ilustrado na figura 2. A representação gráfica proporciona uma visão da transformação do

ditongo [ow] para uma vogal simples, uma continuidade suave na forma de onda, indicando forma inequívoca a ocorrência do processo de monotongação.

A representação visual não apenas confirma a presença da monotongação nos ditongos em estudo, mas também proporciona uma compreensão da natureza desse fenômeno fonético na comunidade Kalunga. Ademais a duração verificada em cada figura é uma característica acústica relevante no estudo sobre os ditongos. Nesse sentido, Silva et al. (2019) afirmam que a duração dos ditongos varia no que diz respeito ao tipo, podendo ser nasal, serão maiores do que os valores médios de duração atestados para os ditongos orais, é importante reafirmar que as palavras analisadas neste estudo possuem ditongos orais.

Figura 2. Monotongação na palavra tesoura

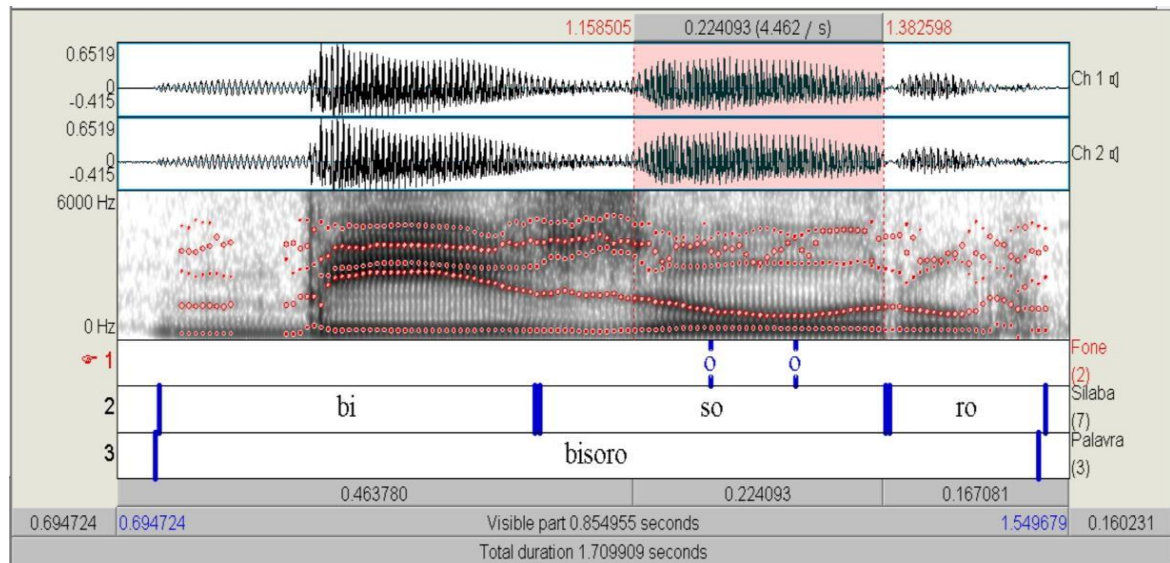


Fonte: Elaboração própria, 2023.

Nesse contexto, a palavra "tesoura", se apresentou de forma monotongada, com uma duração registrada de 4,922/s. da vogal restante. Consideramos a monotongação por meio de inspeção visual do espectrograma de banda larga do Praat (BOERSMA, 2021), seguindo os parâmetros acústicos que caracterizam os ditongos. Contudo, há na literatura indícios de que o apagamento da semivogal não implica apenas numa diminuição da média de duração do ditongo, mas num alongamento compensatório, ou seja, a semivogal é apagada perceptualmente, mas deixa vestígios na duração e na trajetória dos formantes (HAUPT, 2011; CRISTOFOLINI, 2011).

Em continuidade, a Figura 3 apresenta uma análise da monotongação observada na palavra 'besouro', por meio da inspeção da forma de onda e do espectrograma, onde registram uma duração de 4,462 segundos. Observamos uma gradiência, ou seja, os monotongos ocupam menos espaço na sílaba em comparação aos ditongos preservados.

Figura 3. Monotongação na palavra besouro



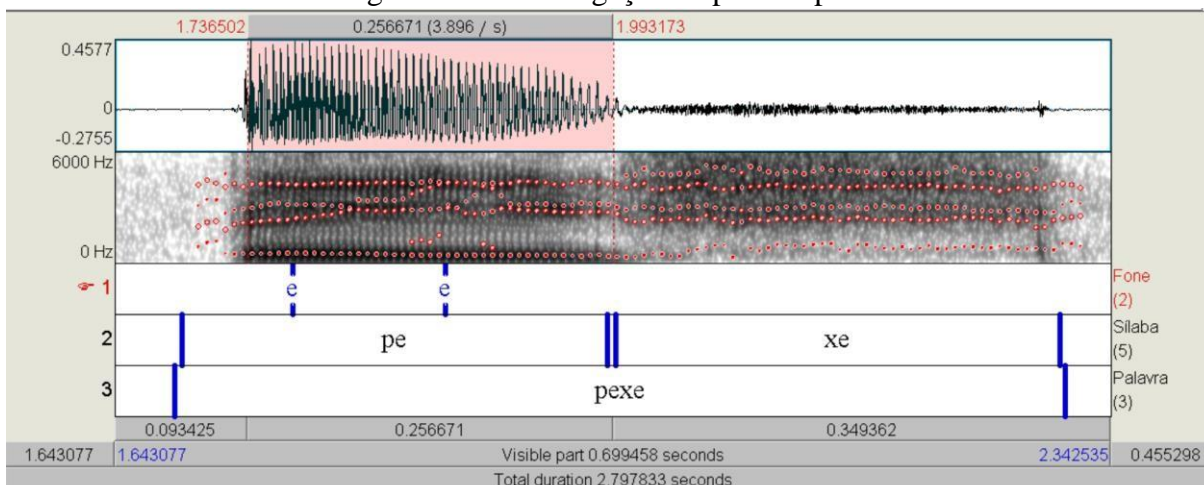
Fonte: Elaboração própria, 2023.

É importante destacar que a redução do ditongo [ow] para uma única vogal /o/, marca a simplificação desse segmento vocálico. Nesse estudo, os contextos de ditongo e monotongo foram anotados, observando as movimentações no primeiro (F1) e segundo formantes (F2) que são distintos por ditongo. Estabelecemos os critérios de transição formântica adotados para cada ditongo ao representar graficamente. Logo, a duração do ditongo [ow], ilustra sua metamorfose em uma única vogal prolongada.

Além disso, ao examinar a forma de onda, nota-se a ausência de qualquer modificação de estreitamento na sequência vocálica, mantendo-se ampla no meio e diminuindo em direção às extremidades, uma formação típica da vogal /o/. O mesmo padrão é observado na formação das formas do espectrograma, que não apresentam mudanças que sugiram uma vogal alta com estreitamento na corrente de ar. Essa consistência ao longo do segmento reforça a transformação do ditongo em monotongo.

Na Figura 4, apresentamos a análise acústica na palavra "peixe", e a forma de onda e o espectrograma do ditongo [ej], evidenciando a transição desse ditongo para uma única vogal /e/, com duração de 3,896/s,. Durante a pesquisa, verificamos que a palavra peixe se apresentou na amostra da fala espontânea e leitura de imagens com maior ocorrência de forma monotongada, possivelmente por esta palavra fazer parte do acervo lexical primário do informante e ser amplamente utilizada em seu cotidiano

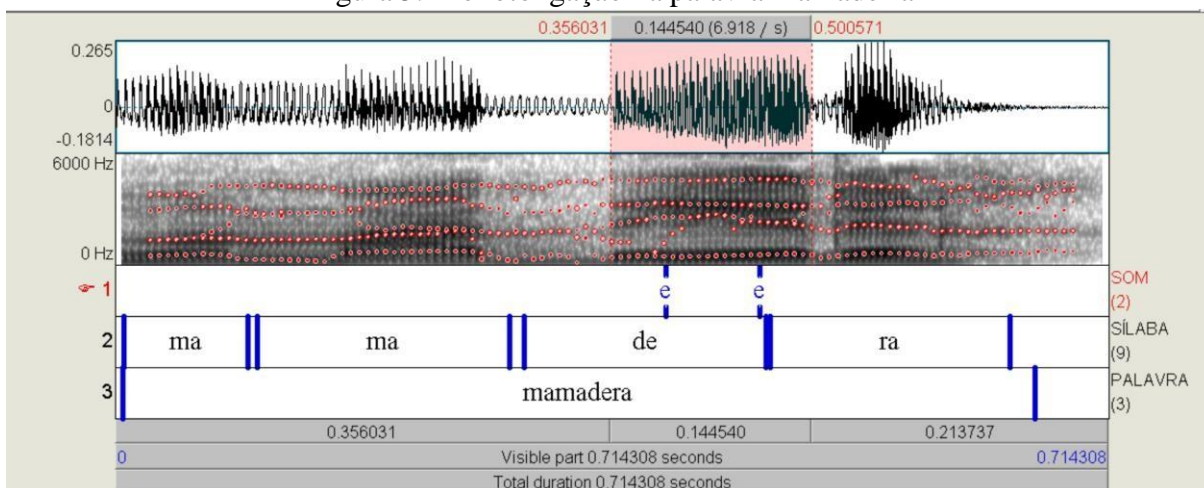
Figura 4 - Monotongação na palavra peixe



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Ao analisarmos a monotongação na palavra "mamadeira", apresentada pela Figura 5, concentrando-se especificamente no ditongo [ej] novamente. A representação gráfica abrange tanto a forma de onda quanto o espectrograma, gerados pelo software Praat. Souza (2022) afirma que a monotongação do ditongo decrescente oral [ej] apresenta comportamento variável em todas as regiões dialetais investigadas no Brasil.

Figura 5. Monotongação na palavra mamadeira



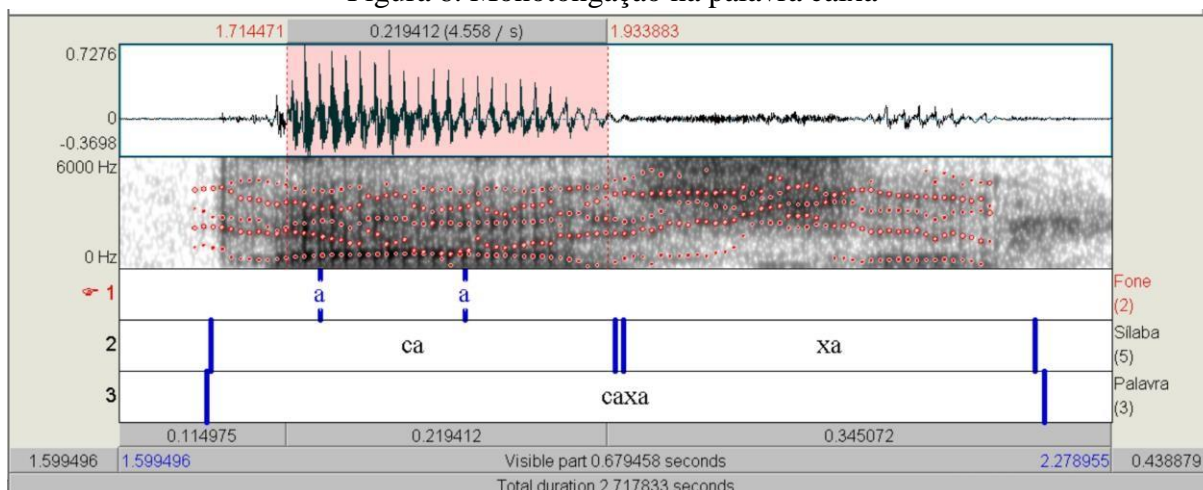
Fonte: Elaboração própria, 2023.

Ao analisarmos atentamente a representação gráfica da palavra "mamadeira" na Figura 5, é perceptível o fenômeno de monotongação, evidenciado pelo apagamento do ditongo [ej], resultando na forma "mamad[e]ra", 6.918/s de duração. A imagem revela que os monotongos ocupam um espaço reduzido na sílaba em comparação com a vogal simples, destacando-se, no entanto, por sua extensão mais curta. Esse padrão é congruente com a característica fonética

da monotongação, na qual a fusão da vogal e semivogal resulta em uma diminuição na duração total do segmento vocálico.

A análise da Figura 6, temos a palavra "caixa", com atenção ao espectrograma do ditongo [aj] monotongado, como anteriormente apresentado na Figura 3. Esta representação gráfica, torna-se manifesta a transformação do ditongo [aj] para uma única vogal, delineando claramente o processo de monotongação.

Figura 6. Monotongação na palavra caixa



Fonte: Elaboração própria, 2023.

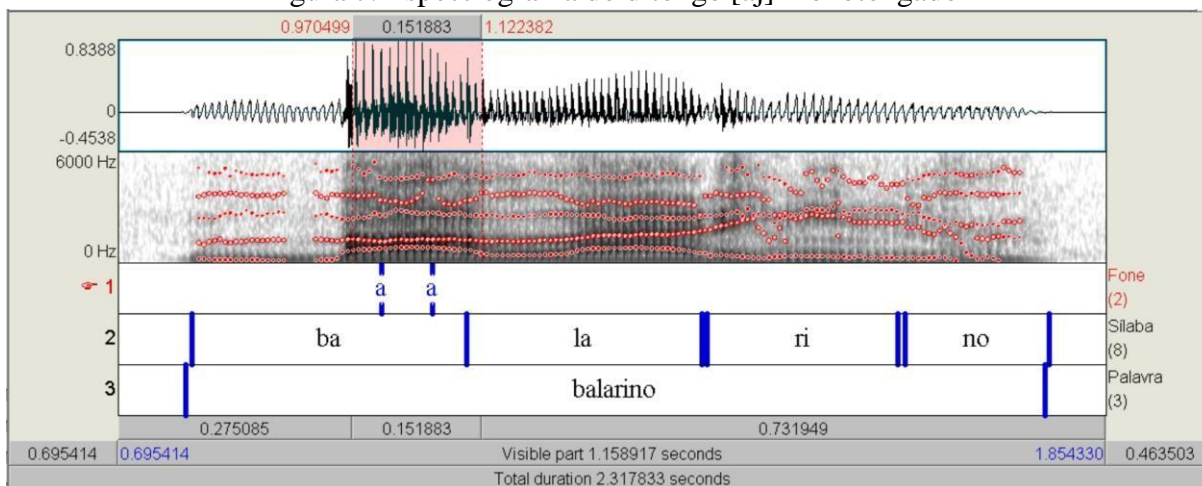
O espectrograma, gerado pelo software Praat, destaca as características acústicas da fala, evidenciando a simplificação do ditongo, originalmente composto por uma vogal ([a]) seguida de uma semivogal ([j]), para uma única vogal. É importante enfatizar que a duração relativa foi calculada através da relação entre a duração do(s) segmento(s), em milissegundos, e a duração da palavra em que os segmentos apareciam, também em milissegundos

A ausência do traço distintivo da semivogal no espectrograma indica a redução do ditongo a uma única unidade sonora. Alinhado à Teoria de Exemplos, o processo de transformação de um ditongo para um monotongo, observado na Figura 6, pode ser interpretado como um exemplo da categorização flexível e dinâmica na mente do falante. Segundo a TE, grupos de falantes armazenam exemplos específicos da linguagem em sua memória, representando variações linguísticas. No contexto da monotongação, o cérebro do falante categoriza o padrão fonético do ditongo e, durante a fala, ao encontrar uma situação em que a simplificação para um monotongo é mais eficiente, recorre à categoria correspondente a essa variante simplificada.

Desse modo, temos o seguinte exemplo da palavra "c[aj]xa", ao monotongar c[a]xa, os efeitos de frequência nas representações mentais resulta da prática e da repetição que consolida os padrões articulatórios inovadores mais rapidamente do que em casos que a

palavras é raramente pronunciada. Para isso, Cristóforo Silva (2019) afirma que os efeitos de frequência refletem tendências de evolução das trajetórias ou percursos específicos na língua. A Figura 7, por sua vez, apresenta espectrograma do ditongo [aj] monotongado na palavra "bailarino".

Figura 7. Espectrograma do ditongo [aj] monotongado



Fonte: Elaboração própria, 2023.

O ditongo menos monotongado em nossa amostra foi [aj], com baixo percentual de apagamento da semivogal e de palavras apresentadas durante a pesquisa. Estudos anteriores sobre a monotongação desse ditongo foram realizados em variedades do português brasileiro em que a palatalização da fricativa final é produtiva e, portanto, propicia a monotongação (HAUPT, 2011). Em Sergipe, a palatalização da fricativa final não é a variante mais frequente (BORGES; MENDONÇA, 2019), o que pode ser explicado da baixa frequência da monotongação desse ditongo pesquisado na amostra que foi analisada.

A investigação da ocorrência da monotongação, realizada mediante a análise de dados provenientes de fala espontânea e leitura em voz alta, revela a complexidade intrínseca desse fenômeno linguístico, transcendendo o mero apagamento da semivogal, como evidenciado por Haupt (2011, p.160). Nesse contexto, é possível inferir a existência de um fenômeno compensatório de alongamento, conforme indicado por pesquisas anteriores (CRISTÓFARO-SILVA, ALMEIDA, GUERDI, 2007; CRISTOFOLINI, 2010), ou ainda a persistência de resquícios do segundo alvo, alinhando-se com algumas teorias linguísticas. Essa complexidade se reflete na análise da duração das palavras durante leitura e fala espontânea, conforme discutido por Haupt (2011, p. 165), onde os ditongos monotongados exibem valores de frequência aproximados aos encontrados em vogais simples.

Tomemos como exemplo a palavra "bailarino" pronunciada pelos participantes Kalunga, evidenciada na Figura 7. A análise do espectrograma do ditongo [aj] monotongado

destaca claramente a transição desse ditongo para um padrão monotongado. A gradiência observada na duração do ditongo reflete a variabilidade do fenômeno, indicando que a monotongação envolve não apenas o apagamento da semivogal, mas também outros processos fonéticos complexos, como sugerido pela teoria da TE mencionada acima.

Adicionalmente, o Quadro 6 proporciona uma análise quantitativa da frequência de ocorrências de palavras com os ditongos [aj], [ej] e [ow] que favoreceram a monotongação durante a fala espontânea dos participantes, totalizando 68 exemplos enquanto na leitura de imagens corresponderam a 180 áudios. É relevante salientar que algumas palavras se repetiram entre os participantes, sendo que esses dados foram examinados à luz das características espectrais que evidenciam as variações nos exemplares, tanto do ditongo decrescente preservado quanto do monotongado proferido pelos participantes.

Quadro 4 - Palavras com monotongação na fala espontânea

Ditongos decrescentes	Preservado	Monotongado	Subtotal (Preservado + Monotongado)
[aj]	3	10	13
[ej]	9	26	35
[ow]	5	15	20
Total	17	51	68

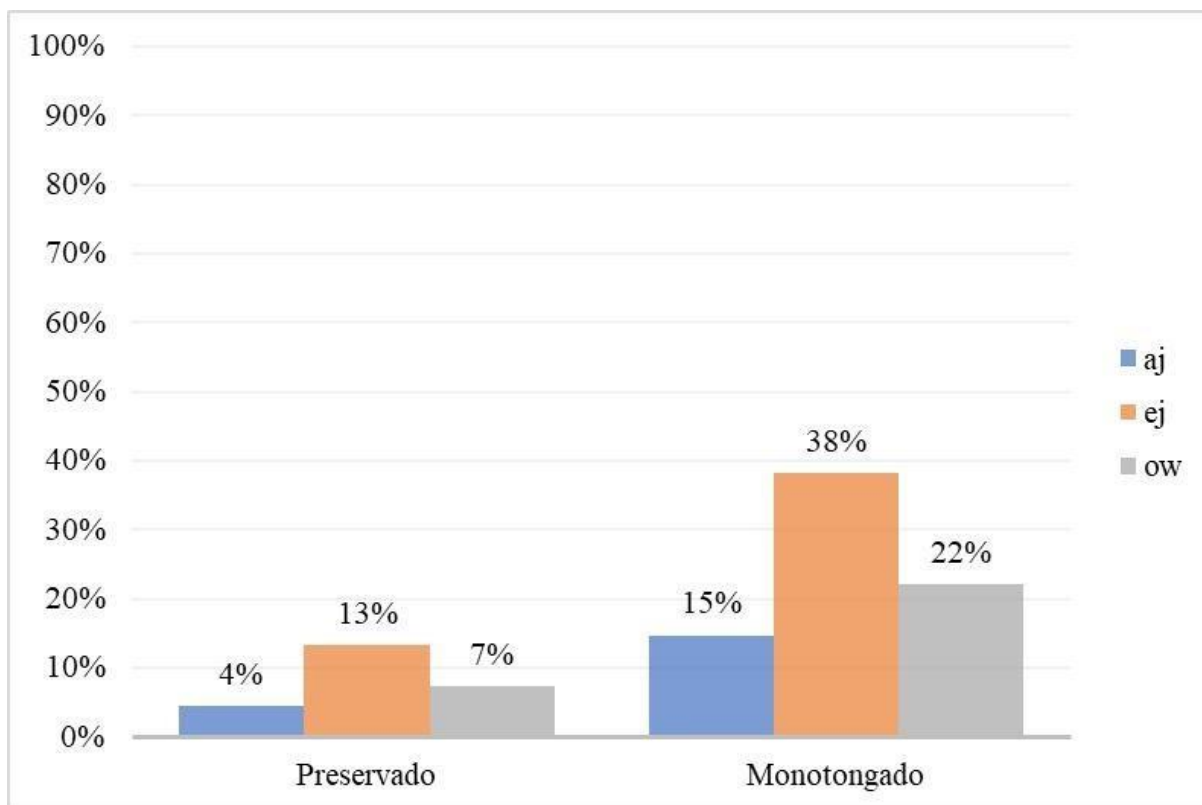
Fonte: Elaboração própria, 2023.

A análise revela uma tendência distintiva de monotongação em todos os ditongos decrescentes examinados, constituindo aproximadamente 75% das ocorrências e sinalizando uma preferência pela simplificação fonética. Evidenciam-se variações na preservação e monotongação entre os ditongos [aj] 77%, [ej] 74%, e [ow] 75%. Ademais, a monotongação emerge como uma característica especialmente proeminente no ditongo [ej], abarcando cerca de 74% das ocorrências, consolidando-se como uma distinção marcante na fala espontânea. O total geral de monotongação supera as ocorrências preservadas, reforçando a preferência pela simplificação fonética nesse cenário linguístico.

Por outro lado, o Gráfico 1, representando o percentual dos ditongos decrescentes orais na fala espontânea, oferece uma visão mais geral dos padrões fonéticos observados. A partir da elaboração, constata-se que os participantes demonstram um percentual na utilização de ditongos decrescentes, com destaque para o ditongo [ej], ou seja, as palavras que foram

observadas no decorrer das entrevistas. Os dados evidenciam as preferências fonéticas dos falantes, durante a fala espontânea, conforme Gráfico 01.

Gráfico 1 - Percentual dos ditongos decrescentes orais na fala espontânea



Fonte: Elaboração própria, 2023.

A interpretação dos dados apresentados no Gráfico 1, ilustra a proporção de ditongos decrescentes orais em contextos de fala espontânea, revela uma tendência dos sujeitos em favor desses ditongos durante a expressão oral não planejada. Sendo assim, a amostra sugere uma predileção por ditongos decrescentes, com destaque particular para o [ej], refletindo sua importância na articulação oral dos indivíduos estudados.

O Quadro 4 detalha a incidência de palavras com monotongação na leitura, as proporções e distribuições específicas de ditongos decrescentes [aj, ej, ow]. Organizado em três categorias principais - preservado, monotongado e total - o quadro apresenta os números absolutos e percentuais de ocorrências para cada ditongo decrescente. Notavelmente, destaca-se que o ditongo [ow] apresenta o menor percentual de preservação, com apenas 1,6%, indicando uma propensão para a monotongação nesse contexto específico. A categoria "monotongado" domina, representando 164 dos 180 sons analisados, evidenciando a predominância dessa característica na leitura.

Quadro 5 - Palavras com monotongação na leitura de imagens

Ditongos decrescentes	aj		ej		ow		TOTAL
Preservado	07	3,9 %	06	3,3%	03	1,6%	16 sons
Monotongado	53	29,4%	54	30,0%	57	31,7%	164 sons
Total	60	33,3%	60	33,3%	60	33,3	180 sons

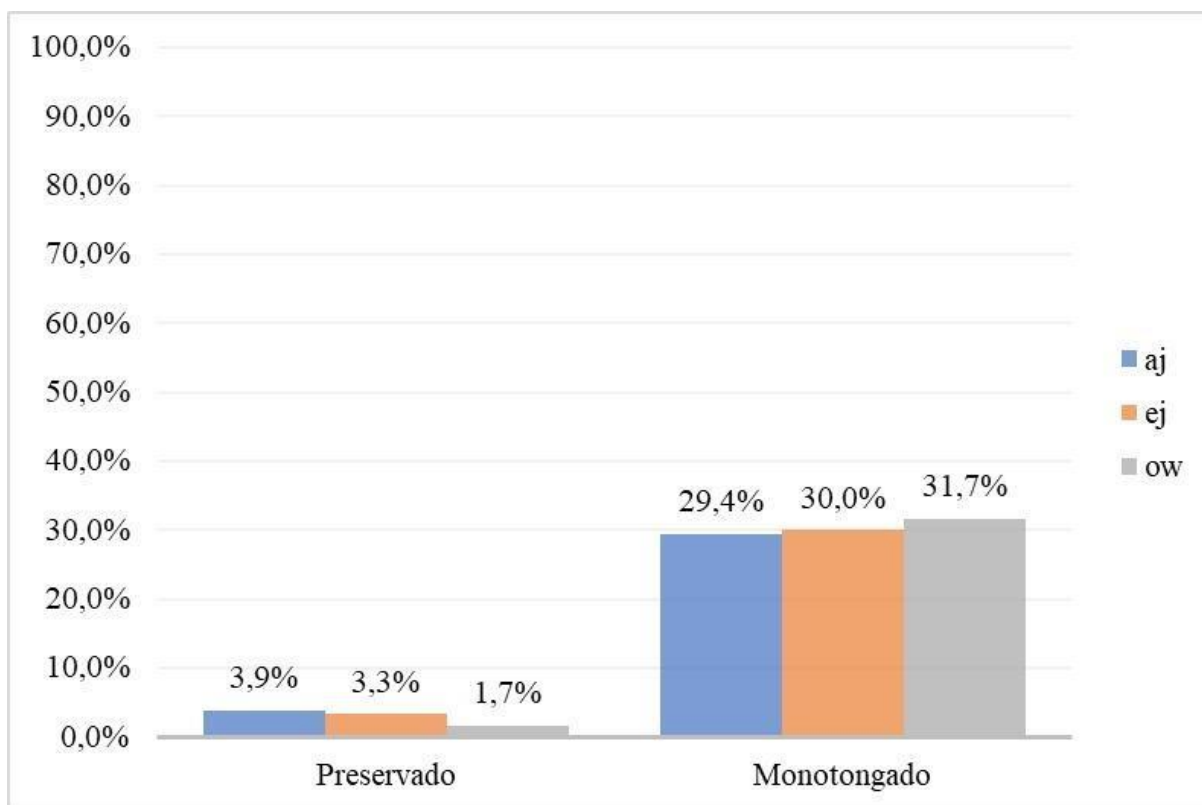
Fonte: Elaboração própria, 2023.

É interessante notar como o contexto fonético influencia a variação entre preservação e monotongação, e como certos ditongos, como o "ow", são fortemente monotongados, isso indica uma tendência à simplificação fonética durante a leitura de imagens, o que pode refletir estratégias de processamento cognitivo ou preferências estilísticas dos falantes.

A análise dos dados, à luz da TE, aponta as contribuições dos modelos multirrepresentacionais sobre os efeitos de duração nos exemplares e fornece informações adicionais sobre as escolhas fonéticas dos participantes durante a fala e a leitura de imagens. A variação na ocorrência de monotongação entre os ditongos decrescentes orais sugere que as frequências de exposição e a familiaridade com os padrões linguísticos influenciam as preferências fonéticas. O percentual de monotongação no ditongo [ow] pode ser interpretada à luz do princípio de exemplares, onde a familiaridade e a frequência de encontros com esse padrão específico levam a uma maior frequência à monotongação, assim como ocorre na monotongação dos ditongos [ej] e [aj].

No contexto da leitura de imagens, o Gráfico 2, representando a incidência de palavras com o ditongo decrescente [ej], evidencia uma frequência dessa combinação fonética em comparação aos ditongos [aj], destacando a prevalência da forma preservada em relação à monotongada. Em comparação com dados de estudos linguísticos anteriores, Haupt (2011) indicou que os falantes florianopolitanos apresentaram o ditongo [ej] em 25% das ocorrências, enquanto na pesquisa de Toledo (2011), realizada com falantes de Uberaba/MG, o percentual de aplicação dessa regra variável foi de 48,8%.

Gráfico 2- Palavras com monotongação na leitura



Fonte: Elaboração própria, 2023.

A prevalência consistente da forma preservada [aj] na leitura, contrastando com os ditongos [ej] e [ow], reflete a aplicação da TE, a frequência de ocorrência que diz respeito ao número de vezes que um item lexical ocorre. Autores como Bybee (2001) e Pierrehumbert (2001) ressaltam a importância da frequência e estabilidade de padrões fonéticos nas escolhas linguísticas dos falantes. Nesse contexto, a elevada frequência de preservação do ditongo [aj] pode ser demonstrada quantitativamente, utilizando percentuais de ocorrências em comparação com [ej] e [ow]. Ao longo de diferentes registros de leitura, [aj] é consistentemente empregado pelos falantes, acumulando experiências linguísticas associadas a esse padrão específico. Dessa forma, a aplicação da teoria de exemplares sugere que a estabilidade e preferência observadas na escolha de [aj] podem ser explicadas pela familiaridade e frequência acumulada desse padrão fonético na experiência linguística dos falantes, alinhando-se aos princípios teóricos de Bybee e Pierrehumbert.

No entanto, a coerência nas tendências nacionais, onde a preferência pelo ditongo [aj] é mantida em diversas regiões do Brasil, pode ser analisada considerando a teoria de exemplares, conforme destacado por autor notável como Johnson (2017). Ao abordar contextos regionais distintos, a constância e expressividade de [aj] ressaltam a influência da teoria de exemplares, sugerindo que a frequência e a repetida exposição a esse padrão específico exercem uma pressão significativa nas escolhas fonéticas dos falantes em âmbito nacional.

Nesse sentido, a teoria de exemplares explica como a frequência reiterada de [aj] influencia a evolução na pronúncia das palavras ao longo do tempo, contribuindo para a aceitação generalizada do ditongo e demonstrando a importância dessa teoria na consolidação e persistência dessas mudanças fonéticas em contextos regionais diversos.

A Tabela 3 apresenta os totais dos ditongos decrescentes orais nos dados de fala espontânea e leitura de imagens. Na fala espontânea, observa-se que o ditongo [ej] é o mais propenso à monotongação, totalizando 26 ocorrências, enquanto [aj] e [ow] apresentam 10 e 15 ocorrências monotongadas, respectivamente. Já na leitura de imagens, o ditongo [ow] se destaca com 57 ocorrências monotongadas, indicando uma clara preferência pela simplificação fonética nesse contexto. Os subtotais para fala e leitura oferecem uma visão detalhada da distribuição dos ditongos decrescentes em cada situação, enquanto o total geral (180) reflete o conjunto completo de ocorrências analisadas.

Tabela 3- Total dos ditongos decrescentes orais nos dados de fala espontânea

Ditongos Decrescentes	Fala Espontânea (Monotongada)	Fala Espontânea (Preservada)	Subtotal (Fala)
[aj]	10	3	13
[ej]	26	9	35
[ow]	15	5	20
Total (Fala)			68

Tabela 4-Total dos ditongos decrescentes orais nos dados de leitura de imagens

Ditongos Decrescentes	Leitura de imagens (Monotongada)	Leitura de imagens (Preservada)	Subtotal (Leitura)
[aj]	53	7	60
[ej]	54	6	60
[ow]	57	3	60

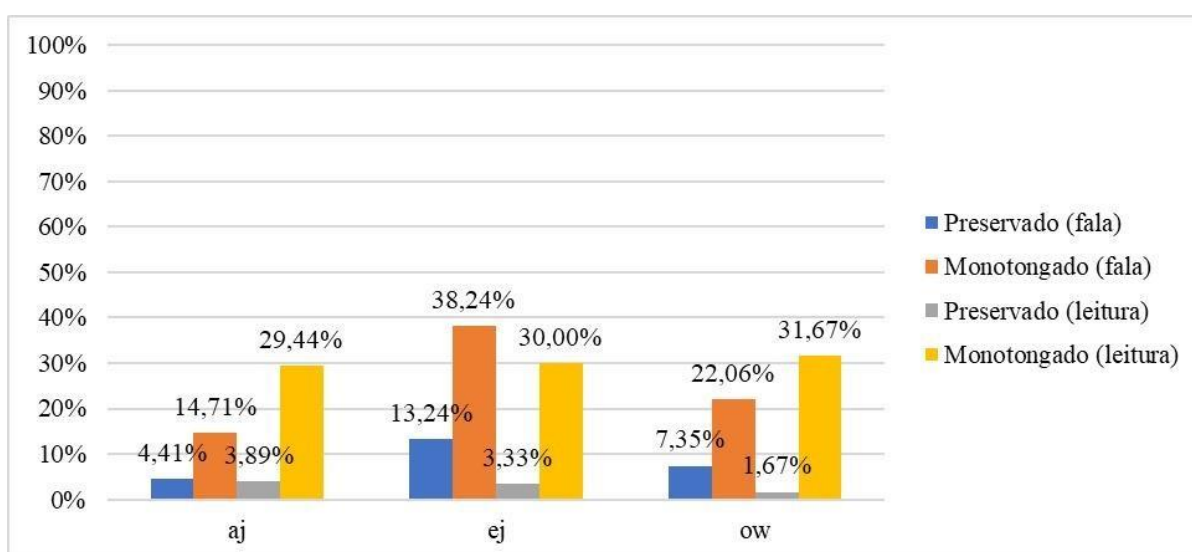
Fonte: Elaboração própria, 2023.

A propensão do ditongo [ej] à monotongação na fala espontânea pode ser explicada pela organização específica de exemplares na rede mental dos falantes, refletindo a influência

de experiências linguísticas prévias nesse contexto. Da mesma forma, a predominância de [ow] monotongado na leitura de imagens pode ser interpretada como uma ativação seletiva de exemplares associados a esse ditongo específico durante a tarefa de leitura.

No Gráfico 3, realiza-se uma comparação dos ditongos decrescentes orais presentes nos dados de fala espontânea e leitura de imagens. A representação visual destaca a variação percentual entre as categorias "Preservado" e "Monotongado" para os ditongos [aj] nas duas situações comunicativas.

Gráfico 3 - Comparação dos ditongos decrescentes orais nos dados de fala espontânea e leitura de imagens



Fonte: Elaboração própria, 2023.

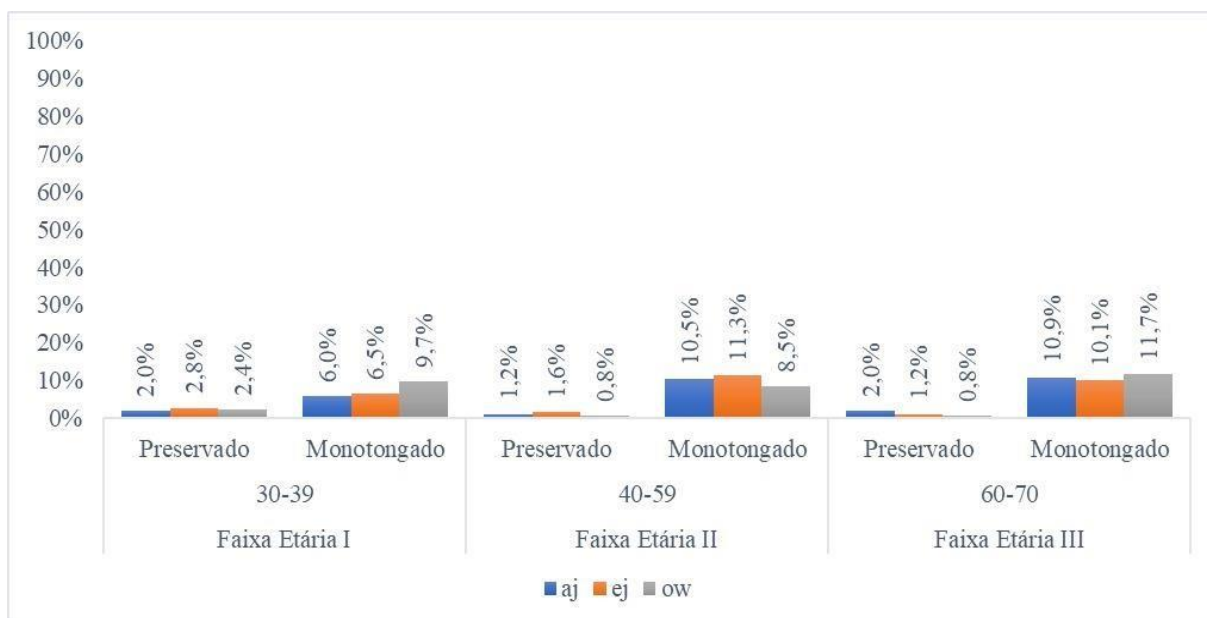
A variação percentual entre as categorias "Preservado" e "Monotongado" oferece dados sobre as preferências fonéticas dos falantes em diferentes contextos linguísticos. A predominância de ocorrências monotongadas na leitura de imagens sugere uma adaptação fonética influenciada pelo contexto comunicativo específico dessa tarefa, indicando que os participantes tendem a simplificar os ditongos decrescentes nesse cenário. A diferenciação entre as faixas de escolaridade e a incidência menor de monotongagem em participantes com maior escolaridade corroboram a influência do detalhe fonético na escolha linguística, onde a familiaridade e exposição a padrões específicos moldam as preferências fonéticas. Além disso, a comparação entre fala espontânea e leitura de imagens destaca a variabilidade nas escolhas linguísticas dos participantes.

No contexto específico da leitura de palavras, os dados revelam prevalência de ditongos monotongados (66%) em comparação com os ditongos preservados (6%). Em

contraste, na fala espontânea, a distribuição de ditongos monotongados (21%) e preservados (7%) sugere uma dinâmica fonética distinta, evidenciando a adaptabilidade do sistema fonético diante da comunicação espontânea. A análise da segmentação de dados com base na faixa etária, apesar de não encontrar uma representação explícita no gráfico, proporciona uma dimensão suplementar.

O Gráfico 4 apresenta os percentuais de ditongos preservados e monotongados nas distintas faixas etárias (I, II e III), fornecendo uma contribuição para a compreensão das variações fonéticas ao longo do processo de envelhecimento. Este estudo abrange dados organizados de acordo com faixas etárias específicas, incluindo os intervalos de 30 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 a 70 anos.

Gráfico 4 - Percentual dos ditongos preservados e monotongados das faixas etárias I, II e III

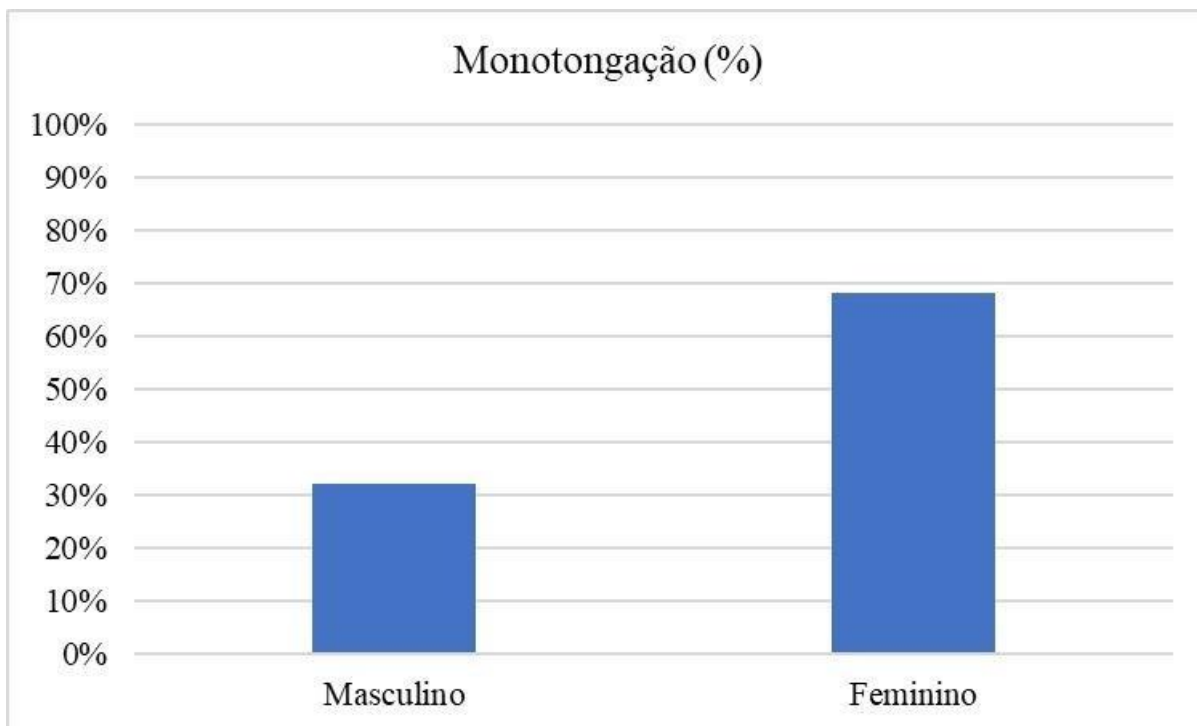


Fonte: Elaboração própria, 2023.

Sendo assim, a observação da tendência crescente no percentual de ditongos monotongados nas faixas etárias mais avançadas, especialmente na Faixa Etária III (60-70 anos), pode ser interpretada à luz dos efeitos de duração. Rustamov et al. (2021) indicam que, sob esta perspectiva, a exposição prolongada a padrões fonéticos monotongados ao longo do tempo pode resultar em uma preferência por essa configuração, indicando um fenômeno de aprendizado acumulado. Adicionalmente, essa mudança pode ser atribuída a ajustes articulatórios, cognitivos ou linguísticos que se desenvolvem progressivamente com a idade, refletindo a dinâmica complexa da produção fonética (GAHL; BAAYEN, 2019).

O Gráfico 5 demonstra uma tendência mais acentuada para a monotongação entre as informantes do gênero feminino, evidenciada tanto na leitura de imagens em voz alta quanto na articulação da fala espontânea não premeditada, em distinção aos informantes do gênero masculino.

Gráfico 5: Variável sexo (Monotongação)



Fonte: Elaboração própria, 2023.

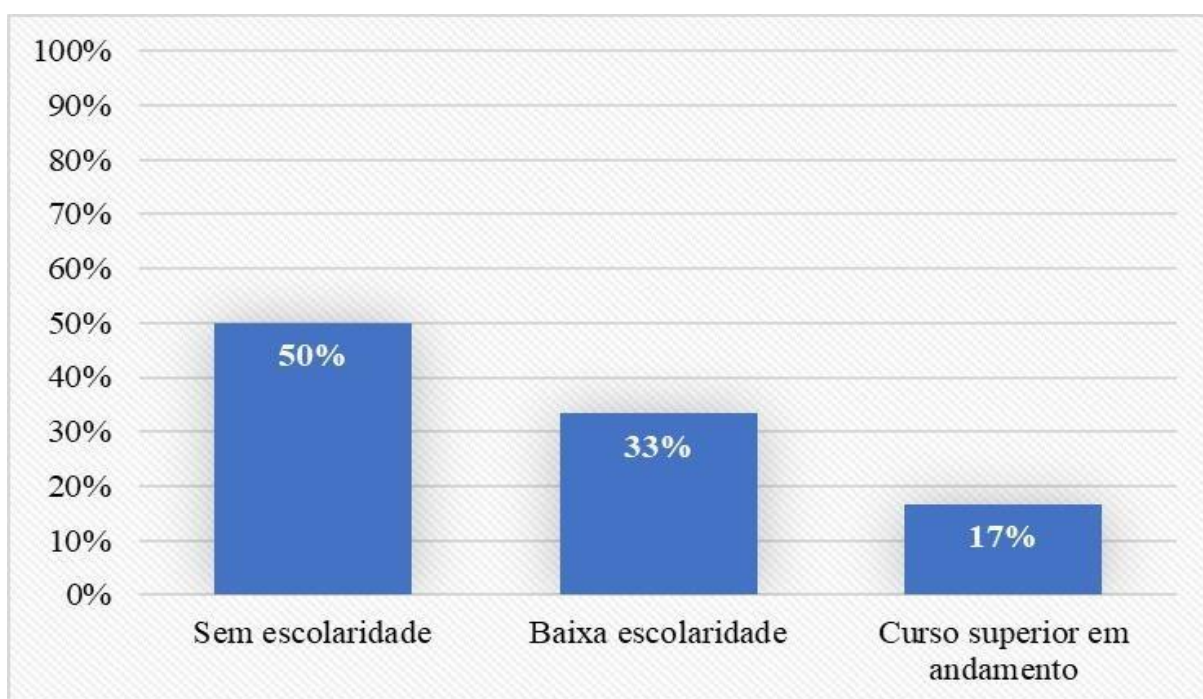
Com base nos resultados do Gráfico 5, e analisando à luz da teoria de exemplares de peso dinâmico de Johnson (1997), revelam-se padrões intrigantes nas escolhas fonéticas relacionadas à variável sexo. Dessa forma, a TE propõe que as representações mentais de fonemas são construídas a partir de instâncias específicas vivenciadas pelo falante ao longo do tempo. No contexto deste estudo, a preferência mais pronunciada pelo fenômeno de monotongação entre as participantes do sexo feminino sugere que essas falantes acumularam uma maior exposição a padrões fonéticos monotongados ao longo de suas experiências linguísticas, foi possível analisar também que os participantes femininos falaram mais durante a entrevista, as respostas eram longas, o que auxiliou em mais palavras monotongadas.

Assim sendo, a liderança do sexo feminino em apresentar maior ocorrência dos ditongos decrescentes está em consonância com a hipótese de que as mulheres tendem a ser

mais conservadoras em relação às mudanças linguísticas, conforme discutido por Labov (2001) e Eckert (2012).

O Gráfico 6 está centrado na variável escolaridade, cujo participante com menos escolaridade evidencia uma propensão significativa à "monotongação", ressaltando a influência direta do nível educacional na configuração dos ditongos. Este achado não apenas corrobora a literatura sociolinguística que associa a educação à variação linguística, como também aponta para a importância de considerar o papel da escolaridade na dinâmica fonética. Além disso, os resultados desta pesquisa revelam que os participantes da faixa I, caracterizados por um período mais extenso de estudos, tendem a preservar o ditongo de maneira mais consistente, tem o cuidado em verificar a palavra antes de falar e ler.

Gráfico 6 - Variável Escolaridade (Monotongação)



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Notadamente, os indivíduos desprovidos de escolaridade manifestam uma marcante inclinação à "monotongação" dos ditongos decrescentes orais, sugerindo uma conexão direta entre o nível educacional e a configuração fonética, respaldada por estudos recentes (JOHNSON, 2020). Desse modo, a observação de que participantes da faixa I, que dedicaram mais tempo aos estudos, tendem a preservar o ditongo de maneira mais consistente, destacando a complexidade temporal na formação de representações mentais fonéticas, conforme elucidado por Smith (2019).

5.2 Resultados dos fatores linguísticos e sociais que condicionam a monotongação

A partir dos resultados obtidos, este estudo destaca fatores linguísticos e sociais na análise dos padrões fonéticos dos participantes Kalunga. No âmbito linguístico, fatores como tonicidade e extensão do vocábulo emergem como determinantes, em consonância com os princípios dos modelos multirrepresentacionais, que atribuem à palavra um papel central na análise fonética. Além disso, segundo a Teoria da Exemplificação (BYBEE, 2001), o lócus da representação mental reside na palavra e em sua ocorrência em construções específicas, o que foi observado durante a pesquisa de leitura de imagens. Nesse sentido, cada falante armazena na memória a própria representação dessas realizações, que é diferente da representação mental de outros falantes, por conta da experiência de cada um.

Na análise dos ditongos decrescentes, parâmetros acústicos específicos foram identificados, exemplificados pela associação da voz com maior intensidade em palavras com ditongos preservados e menor duração nas palavras monotongadas.

Para a análise da duração, calculamos a duração relativa do segmento dentro da sílaba em que se encontra. Para fins de comparação, também etiquetamos algumas vogais simples e as sílabas em que se encontravam. A observação revelou que, mesmo em ditongos, nem sempre é possível identificar dois alvos estáveis, evidenciando a gradiência do fenômeno desde os segmentos ainda percebidos como ditongos. Em relação à duração, os monotongos ocuparam um espaço menor na sílaba do que os ditongos preservados, mas foram mais longos do que vogais simples, indicando uma complexidade nas escolhas fonéticas.

Ao fazer a retomada da análise considerou também fatores linguísticos, como contexto seguinte, tonicidade e classe de palavras, evidenciando a preferência pela monotongação em sílabas átonas e em não-verbos. No contexto social, a faixa etária, escolaridade e sexo foram fatores relevantes. Os indivíduos com menos escolaridade, faixa etária mais avançada e do sexo feminino demonstraram maior propensão à monotongação, ressaltando a interação complexa entre fatores sociais e linguísticos como descritos nos gráficos acima.

No contexto específico da leitura de palavras, os dados revelam prevalência de ditongos monotongados (66%) em comparação com os ditongos preservados (6%). Essa observação corrobora a influência do detalhe fonético, pois indica uma maior propensão dos participantes a simplificar os ditongos decrescentes durante a leitura de imagem. Em contraste, na fala espontânea, a distribuição de ditongos monotongados (21%) e preservados (7%)

sugere uma dinâmica fonética distinta, evidenciando a adaptabilidade do sistema fonético diante da comunicação espontânea.

Nessa perspectiva, conclui-se que a monotongação é condicionada principalmente por fatores linguísticos, especialmente em não-verbos; já os resultados sociais, como escolaridade, têm impacto significativo como foi detalhado acima no gráfico apresentando 50%. A análise detalhada das respostas à entrevista e leitura em voz alta revelou padrões distintos entre os participantes menos e mais escolarizados, com os primeiros apresentando maior frequência de monotongação.

Os ditongo decrescentes [ej] e [ow] foram mais suscetíveis à monotongação na fala espontânea, com omissões em palavras específicas, como "passageiro" , "peneira", "ouro", "voltou" e entre outras palavras. Logo, a variabilidade no contexto fonológico das palavras mencionadas pelos participantes e a influência do ambiente social reforçam a complexidade do fenômeno, e por meio da escolaridade emerge-se como o fator mais significativo na realização da pesquisa.

5.3 Análise acústica

A análise acústica visa quantificar e caracterizar o sinal sonoro, sendo notada por formas de percepção como o ouvido humano e gravadores digitais. Essas formas captam a pressão gerada pelas ondas sonoras resultantes da produção da fala, fornecendo dados sobre a configuração acústica desses sons.

Desse modo, em que pese a precisão da metodologia acústica utilizada na categorização das variantes, os resultados seguem a tendência observada em estudos desenvolvidos em outras variedades do português brasileiro, exemplificados por Cristofolini (2010) concentrou-se na análise acústica da monotongação dos ditongos decrescentes [o, e, a]. Assim, a análise incluiu parâmetros como duração e formantes, revelando que, embora a monotongação apagasse a semivogal, a duração da vogal era prolongada.

Nesse sentido, Cristóvão Silva (2021) destaca que a fonética acústica como o campo que investiga os aspectos acústicos e as propriedades físicas dos sons da fala. Essas propriedades incluem amplitude, frequência, duração, frequência fundamental e conteúdo espectral da onda sonora. A análise acústica utiliza ferramentas como espectrogramas e oscilogramas para estudar essas propriedades.

Com base nos dados apresentados, a prevalência de ditongos monotongados totalizaram (66%) em comparação com os ditongos preservados (6%). Dessa forma, por meio

da TE compreendemos que o detalhe fonético é umessa análise corrobora com a influência dos efeitos de frequência de ocorrência apresentado pela TE, pois indica uma maior propensão dos participantes a simplificar os ditongos decrescentes durante a leitura de imagens. Em contraste, na fala espontânea, a distribuição de ditongos monotongados (21%) e preservados (7%) sugere uma dinâmica fonética distinta, evidenciando a adaptabilidade do sistema fonético diante da comunicação espontânea. Logo, concluímos que os ditongos decrescentes monotongados tiveram média de duração relativa menor do que a do ditongo preservado e maior do que a da vogal simples, constituindo-se como uma forma intermediária.

A partir dessa análise, concluímos que a produtividade da pesquisa com análise acústica e a descrição de fenômenos fonológicos variáveis apresentam maior precisão conferida, sobretudo para estudos posteriores que possam categorizar o fenômeno linguístico monotongação para além da descrição binária, considerando a gradiência do processo. Logo, esses diferentes percentuais de monotongação entre os ditongos são resultantes de diferentes condicionamentos objetivados na pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo proporcionou uma análise do fenômeno da monotongação na fala dos habitantes da comunidade Kalunga Vão de Almas (GO), destacando a variação linguística no contexto fonológico. Considerando a língua como um fenômeno histórico e social, este trabalho buscou compreender as diferenças da monotongação, explorando a transição entre diferentes variações linguísticas ao longo do tempo e em diferentes contextos históricos.

Ao adotar a abordagem da Fonologia da Língua Portuguesa e a Teoria de Exemplos, foi possível avançar na compreensão do funcionamento do fenômeno fonológico da monotongação. Destacando que os modelos multirrepresentacionais emergiram como ferramentas essenciais para a análise e considerações resultantes desta pesquisa. As análises feitas com base na TE, observando a duração de cada ditongo decrescente oral preservado e monotongado. Para tanto, apresentamos os objetivos do nosso estudo, o traçado de alguns dos principais expoentes teóricos da TE e as relevantes análises realizadas no PB acerca dos efeitos de duração.

Os objetivos gerais e específicos delineados para este estudo foram abordados. A investigação da monotongação na fala espontânea e na leitura de imagens dos participantes Kalunga permitiu uma descrição dos fatores linguísticos condicionantes desse fenômeno. Tendo como base esses pressupostos, apresentamos uma descrição dos ditongos do ponto de vista de sua caracterização acústica. Essa descrição teve como objetivo compreender a composição dos ditongos e respaldar o posterior estudo acústico, a partir do qual procuramos evidenciar a duração do fenômeno da monotongação.

Conclui-se que a monotongação é um fenômeno variável presente na fala dos moradores Kalunga, com uma prevalência notável entre os falantes mais velhos. O ditongo [ej] destacou-se como o mais suscetível à monotongação, apresentando elevados percentuais em todas as situações investigadas. No entanto, o ditongo [ow] também foi suscetível a fala

espontânea e a leitura, em seguida, as ocorrências do ditongo [aj], também foram frequentes, sugerindo que a monotongação é uma mudança implementada no Português Brasileiro, mesmo considerando a precisão conferida pela análise acústica.

Os resultados indicam que, apesar da intervenção, os processos fonológicos da monotongação não foram totalmente eliminados, mas sim suavizados em alguns contextos, como durante a leitura de imagens, por conseguinte apresentado nos dados .

Por meio desta pesquisa, observamos que, entre as variáveis sociais utilizadas, a que mais se destaca é a faixa etária, especialmente na comparação entre jovens, adultos e idosos. Em ambas as amostras linguísticas, nota-se que os informantes de faixas etárias mais altas realizam a monotongação com maior frequência

Espera-se que este estudo beneficie a formação linguística de professores de Língua Portuguesa e afins, proporcionando dados sobre a variação linguística presente na fala dos Kalunga. Além disso, ressalta-se a importância de respeitar e reconhecer a variação linguística como uma marca de identidade, crucial para a interação entre diferentes grupos.

Diante do contexto histórico do Brasil, marcado por processos de homogeneização linguística, esta pesquisa destaca a clivagem etnossocial e etnolinguística presentes na sociedade brasileira, especialmente na polarização sociolinguística. Conhecer a história linguística do país é fundamental para compreender as configurações atuais. Dessa forma, este estudo sobre a monotongação contribui para a compreensão desses processos históricos e linguísticos, revelando a riqueza e variedade na formação do Português Brasileiro.

Como proposta para trabalhos futuros, sugere-se a continuidade e ampliação de pesquisas em outras localidades da região sudeste tocantinense e nordeste goiano, comparando diferentes fenômenos fonológicos. A pesquisa linguística em comunidades quilombolas é essencial para a construção de identidades culturais, e este estudo serve como base para outras investigações. A disseminação do conhecimento linguístico, tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico, é fundamental para dar voz à diversidade linguística e cultural presente no Brasil.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA KALUNGA (AQK), 2017. Disponível: <https://www.quilombokalunga.org/>. Acesso em: 26 de nov de 2022.

ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA KALUNGA (AQK), 2021. Disponível: <https://www.quilombokalunga.org/>. Acesso em: 28 de jan de 2023.

AMARAL, Marisa Porto do. **Ditongos variáveis no sul do Brasil.** Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-106, 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13697/9085>. Acesso em: 12 de jun de 2023.

ARRUTI, J. M. Mocambo. **Antropologia e história do processo de formação quilombola.** Bauru: Edusc, 2006. 370 p.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **Kalunga: povo da terra.** Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos: 1999.

BARBOZA, Clerton Luiz Felix. **Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira** / Clerton Luiz Felix Barboza. – 2013. 263 p. color. enc.; 30 cm. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2013.

BYBEE, Joan. CHAKRABORTI, P.; JUNG, D.; SCHEIBMAN, J. **Prosody and segmental effect: some paths of evolution for word stress.** Studies in Language 22, 1998. p. 267-314.

BYBEE, Joan. **The phonology of the lexicon: Evidence from lexical diffusion.** In: BARLOW, M. e KEMMER, S. (Orgs) Usage-based models of language. Stanford, 2000, p. 65-85.

BYBEE, Joan. **Frequency of use and the organization of language.** New York: Oxford University Press, 2007.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BISOL, Leda. **Ditongos derivados**. DELTA, v. 10, n. Especial, p.123-140, 1994.

BISOL, Leda. **O ditongo na perspectiva atual**. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5 ed. Porto Alegre: EDICUCRS, 2010. 286 p.

BISOL, Leda & Cláudia BRESCANCINI (Orgs.). **Fonologia e Variação. Recortes do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, ISBN 85-7430-300-3, 312 páginas.

BOERSMA, Paul. **Praat, a system for doing phonetics by computer**. Glot International, v. 5, n. 9-10, p. 341-345, 2001.

BORGES, Cósma Karine Vieira; MENDONÇA, Josilene de Jesus. **A realização do/s/ na fala de universitários sergipanos do interior: efeitos sociais e linguísticos**. Revista Primeira Escrita, n. 6, p. 57-73, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/8881>. Acesso em: 05 dez. 2023.

CABREIRA, Sílvio Henrique. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: PUCRS, 1996.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002. 327 p.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA. Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CAVALIERE, R. **Pontos essenciais em fonética e fonologia**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CRISTÓFARO SILVA, T. **A aquisição de padrões sonoros variáveis**. Letras de Hoje. Porto Alegre. V. 39, nº 3, p. 101-110, set. 2011.

CRISTÓFARO SILVA, T. et al. **Fonética acústica: os sons do português brasileiro**. São

Paulo: Contexto, 2019.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 9ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2009.

CRISTOFOLINI, Carla. **Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística.** Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).© Revista da ABRALIN, v.10, n.1, p. 205-229, jan./jun. 2011
<https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1067/990> acesso: 10 de fev. de 2023.

DAMANDO, Giovanna Isabel. **Os impactos de turismo em Cavalcante-GO.** Centro de excelência em turismo-CET, Universidade de Brasília, 2013

ECKERT, Penelope. **Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation.** 2012. Annual Review of Anthropology. Palo Alto. 41: 87-100.

FARIAS, DIAS DE ARAÚJO, Nathany. **Variedades Kalungas de Goiás: Reminiscências Crioulizantes no Português Brasileiro.** Dissertação de mestrado acadêmico-Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2021. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/43797/1/2021_NathanyDiasdeAra%C3%BAjo.pdf
Acesso em: 21 de maio de 2022.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe.** Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **O social da sociolinguística: o controle de fatores sociais.** Diadorim, n. 8, v.1, p. 43–58, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/12412/0>. Acesso em 14 de fev de 2022

FREITAS, Bruna Faria Campos de. **Estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala Uberabense.** 76 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153183#:~:text=Os%20resultados%20obtidos%20mostraram%20que,da%20palavra%20e%20a%20tonicidade>. Acesso em: 26 abr. 2024.

FONSECA Alves, Aline. **Análise do tutorial do programa de análises acústicas praat.** Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 2, núm. 1, enero-junio, 2009, pp. 13-16 Universidade Federal de Minas Gerais.

GAHL S., BAAYENN, RH. **Twenty-eight years of vowels: Tracking phonetic variation through young to middle age adulthood.** Journal of Phonetics, 2019, Elsevier.

GARCIA, Junia Januaria. **Os padrões silábicos das variedades de português da região de Campos Belos, Goiás.** (Dissertação-Instituto de Letras) Universidade de Brasília, 2013.

GONÇALVES G, Sousa R, Almeida S, Albuquerque F. **Variedade Linguística da comunidade Kalunga Vão de Almas: Um estudo no contexto da fazenda Coco.** Original Article. J Business Techn. 2020;14(2): 54-65.

HAUPT, C. **O fenômeno de monotongação nos ditongos [ai,ei,oi,vi] na fala dos florianopolitanos:** uma abordagem a partir da Fonologia de Uso e da Teoria dos Exemplos. 195f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

HAUPT, C. **Contribuições da Fonologia de Uso e da teoria de Exemplos para o estudo da monotongação.** Revista Estudos Linguísticos 19(1)167-189.

HAWKINS, John A. **Cross-linguist variation and efficiency.** Oxford, University Press, 2004, USA.

HOOPER, Joan B. **An introduction to natural generative phonology.** New York: Academic Press, 1976.

HORA, Dermeval da. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba.** João Pessoa-PB,1993.

HORA, D.; MATZENAUER, C. **Fonologia, fonologias:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2017.

HORA, D. da, & Figueiredo Brandão, S. (2021). **Da Geolinguística à Sociolinguística Variacionista: um panorama da variação fonológica.** Revista Da Anpoll, 52(esp), 42–63. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/issue/view/63>. Acesso em 26 de ago de 2023.

JOHNSON, Keith. **The auditory/perceptual basis for speech segmentation.** OSU Working Papers in Linguistic. nº 50, p. 101-113, 1997.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1972).

LABOV, William. **Principles of linguistic change.** Cognitive and Cultural Factors: volume 3. Malden & Oxford: Wiley-Blackwell Publishers Inc., 2010.

LADEFOGED & MADDIESON. **The sounds of world's languages.** Oxford:1996.

LADEFOGED, Peter e JOHNSON, Keith. **A Course in Phonetics.** Wadsworth Cengage Learning. Six Edition. 2010.

LARSEN-FREEMAN, Diana. **Chaos/complexity science and second language acquisition.** Applied Linguistics, Oxford, p. 141-165. Jun. 1997.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura.** Porto Alegre: Sagra: DC Luzatto, 1996.

LOPES, Raquel. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado). Belém: Universidade Federal do Pará, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MINAYO. MCS. **Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa**. Salud colectiva [periódico na Internet]. 2024 [acessado 24 jan 14]; 6(3):251- 261.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 1998. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em 14 de jul de 2022.

MOTA, Jacyra. **Variação entre e e ei em Sergipe**. Estudos Linguísticos e Literários. 5, UFBA, p. 119-128, 1986.

OLIVEIRA, D. **Gradualidade e frequência: contribuições do Modelo de Exemplar e da Fonologia de Uso ao estudo da variação sonora nas sequências de (sibilante + africada alveopalatal)**. Dissertação de Mestrado. FALE-UFMG, 2003.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. **Supressão das semivogais nos ditongos crescentes**. In: SILVA, Gisele M. de Oliveira, SCHERRE, Maria M. Pereira (Orgs). Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis na cidade do Rio de Janeiro. Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 219-333.

PEREIRA, Gerusa. **Monotongação dos ditongos [aj], [ej], [ow] no português falado em Tubarão (SC): estudo de casos**. Dissertação (Mestrado). Tubarão: Unisul, 2004.

PETRY, I. P.; GAGGIOLA, P. E. **Fonologia em Perspectivas: Modelos Gerativos, Fonologia Prosódica e Modelo de Exemplares**. *Revista da ABRALIN, [S. l.]*, v. 19, n. 2, p. 1–5, 2020. DOI: 10.25189/rabralin.v19i2.1649. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1649>. Acesso em: 26 ago. 2024.

PIERREHUMBERT, J. **Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast**. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.) *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-19. Disponível em: <www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html>.

PIERRENHUMBERT, Janet. **Exemplar Dynamics: Word frequency, 203 lenition and contrast**. In BYBEE, J. & HOPPER, P. (Orgs). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Benjamins, 2000, p. 123-136

PHILLIPS, Betty. **Word Frequency and the Actuation of Sound Change**. *Language*. vol 60, nº 2, p 320-342, junho, 1984.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, Arianne Paula Ribeiro da Costa. **A monotongação nas construções orais da variedade linguística potiguar: uma análise sociolinguística.** / Arianne Paula Ribeiro da Costa Rodrigues. - Mossoró / RN, 2020. Dissertação 139p.

RUSTAMOV, D., Shakhbitdinova, S., Solijonovc, S., Mattiyev, A., Begaliyev, S., & Fayziev, S. **Research of peculiarities of speech of male and female on phonetic and lexical levels of language.** *Journal of Human University* (Natural Sciences. Vol.48, n.11, november, 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SIEBEN, Airton, e João Cleps Junior. 2013. **Entrevista:** instrumento de pesquisa no estudo de caso da Comunidade de Palmatuba (Babaçulândia/ TO), n. 1. 241-256. Rio de Janeiro: Eduerj. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/952/1/S%C3%BAsie%20Fernandes%20Santos%20Silva%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 16 de dez de 2023

SILVA, Thaís Cristófaró et al. **Fonética Acústica:** os sons do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2019.

SMITH, K., & Hill, J. (2019). **Defining the Nature of Blended Learning through Its Depiction in Current Research.** *Higher Education Research & Development*, 38, 383-397.

SOUZA, Victor Renê Andrade. **Monotongação dos ditongos decrescentes orais [ou], [ej], [aj] e [oj] na fala e na leitura em voz alta de universitários sergipanos.** 2022. 165 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022a. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/15779>. Acesso em: 12 set 2022.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1986

TOLEDO, Eduardo Elisalde. **A monotongação do ditongo decrescente [ej] em amostra de recontato de Porto Alegre.** 106 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/39409>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ANEXO A- COMITÊ DE ÉTICA APROVADO

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O fenômeno da monotongação no Português falado na comunidade Kalunga Vão de Almas-GO: Uma análise à luz da Teoria dos Exemplos

Pesquisador: LUCIVÂNIA RODRIGUES DA SILVA

Área Temática: Linguística

Versão: 2

CAAE: 55418121.3.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.591.489

ANEXOS

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1873309.pdf	26/06/2022 15:29:01	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Orçamento	orçamento2022.docx	26/06/2022 15:17:19	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito

Outros	carta2022.docx	26/06/2022 15:13:34	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto comite.docx	26/06/2022 14:47:56	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleLucivania.docx	26/06/2022 01:23:23	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	Autorizaçaoaqkcompressed.pdf	26/06/2022 01:06:39	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma06.docx	26/06/2022 00:24:51	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Ofício de Apresentação Lucivania assinado.pdf	19/12/2021 00:02:22	LUCIVANIA RODRIGUES DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha de rosto assinada.pdf	18/12/2021 23:43:20	LUCIVANIA RODRIGUES DA	Aceito

Folha de Rosto	Folha de rosto assinada.pdf	18/12/2021 23:43:20	SILVA	Aceito
----------------	-----------------------------	------------------------	-------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 19 de Agosto de 2022

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador)

ANEXO B- TCLE-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convido a Vossa Senhoria a participar da pesquisa intitulada: O fenômeno da monotongação no Português falado na comunidade Kalunga Vão de Almas-GO: Uma análise à luz da Teoria dos Exemplares. A presente pesquisa visa investigar e analisar os ditongos decrescentes orais [aj], [ej] e [ow] na fala espontânea e na leitura de imagens com participantes Kalunga através de uma metodologia acústica que comprove nossa impressão de oitiva a partir da Teoria dos Exemplares.

A vossa senhoria está sendo convidada por ser morador(a) residente no território kalunga, especificamente na comunidade Vão de Almas- Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga em Cavalcante (GO). Sabe-se que o território Kalunga engloba uma diversidade de tradições que enriquecem a cultura regional, tornando relevante a preservação e valorização da língua e identidade para a continuidade e fortalecimento das comunidades tradicionais.

Sua participação será através de uma entrevista sociolinguística com duração estimada entre 40 minutos a 1 hora, porém a qualquer tempo, caso deseje, a entrevista pode ser interrompida, remarçada ou até mesmo cancelada. Ocorrerá em um ambiente reservado, no vosso próprio local de trabalho ou em outro local em que se sentir confortável. Neste ambiente estará presente apenas a vossa senhoria e a pesquisadora. Será utilizado um questionário com questões abertas que conduzirá a fala sobre a sua história de vida e sonhos.

A intenção é deixá-la à vontade para tratar do assunto como considerar mais adequado. Para minimizar os riscos de desconforto, insegurança e constrangimento as questões podem ser retiradas, modificadas e até mesmo acrescentadas dependendo da vossa vontade, do andamento e do direcionamento que a narração escrita for tomando.

A manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados serão mantidos durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica exceto se houver sua manifestação por escrito em sentido contrário, mesmo após o término da pesquisa.

O resultado desta pesquisa será apresentado como trabalho final para obtenção do título de Mestre, podendo futuramente ser publicado e/ou servir como fonte de referência para outras pesquisas. Quanto aos benefícios de sua participação nesta pesquisa, seriam os seguintes: desenvolvimento do senso altruísta de poder contribuir para uma pesquisa em prol

do desenvolvimento científico do país e a oportunidade de ser um porta-voz do lugar em que vive e manter viva a língua, identidade e cultura.

A vossa senhoria tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar pela participação.

Havendo algum dano que afete a moral, o psíquico, o intelectual e o social tem o direito de ser indenizada no que é previsto e assegurado no (TCLE) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que se refere a essa pesquisa.

Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone 63 3229- 4023, pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, ou Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio da Reitoria, 2º piso, sala 16, CEP-UFT 77001-090 - Palmas/TO, segunda-feira e terça-feira das 14 às 17 horas e quarta-feira e quinta-feira das 9 às 12 horas. Você pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir.

Para dúvidas e reclamações pode se entrar em contato direto com a pesquisadora Lucivânia Rodrigues da Silva – e-mail: lucivania.rodrigues@mail.uft.edu.br. Residente na Rua 08, setor Buritizinho, Arraias -TO CEP: 77330-000.

Este TCLE será redigido em duas vias, que será devidamente assinado pelo entrevistado e pela pesquisadora, ficando cada um com uma via.

Entrevistado (a)

ANEXO C- COLETA DE DADOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS-ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MESTRANDA: LUCIVÂNIA RODRIGUES DA SILVA

ORIENTADORA: PROF. DRa. GREIZE ALVES DA SILVA

PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA

COLETA DE DADOS – Parte I (BASEADO EM TARALLO, 2001)

Comunidade Quilombola Kalunga Vão de Almas localizada no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga no município de Cavalcante (GO)

APRESENTAÇÃO: Nome/Idade/ Escolaridade/Profissão

1. BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA. Você se lembra de suas brincadeiras de infância? De qual você mais gostava? Podia descrever como era esta brincadeira?
2. SER KALUNGA. Na sua opinião, o que é ser Kalunga?
3. FAMÍLIA. Na sua opinião, qual é o valor da família na sociedade (meio) em que você vive?
4. RELIGIÃO. Qual é a função da religião em nossa formação?
5. TRABALHO NA COMUNIDADE. Quais são os trabalhos existentes na comunidade?
6. QUAIS SÃO OS ALIMENTOS QUE SÃO PLANTADOS NA AGRICULTURA? Como é feita a plantação e colheita?
7. HISTÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA VÃO DE ALMAS. O que você sabe sobre a história desta comunidade?
8. PLANOS/SONHOS PARA O FUTURO. Quais são seus planos ou sonhos para o futuro? Como você acredita que pode contribuir com a comunidade?
9. EDUCAÇÃO. Quais avanços teve na escola da comunidade?
10. SAÚDE. Quais são os programas de saúde que estão disponíveis para a comunidade?

ANEXO D-LISTA DE IMAGENS

LISTA DE GRAVURAS



LISTA DE GRAVURAS



Fonte: Google imagens

ANEXO E- Lista de palavras de ditongos decrescentes orais

Ditongos decrescentes	aj	ej	ow
Preservado	/kaj.fɐ/, /paj'fɛ̃w̃/, /bajla'rine/	/'pej.fĩ/, /tra'vesɐj.ru/, /pri'mej.ru/, /mẽ.mɛ'dej.rɐ/, /ba.ga'zɛj.ru/, /ka.fu'ej.rɐ/, /tor'nɛj.rɐ/, /ka'dɛj.rɐ/, /dɛj'fow/, /'kej.fu/, /ɛ'mɛj.fɐ/, /ɐ.kej'zɛ̃w̃/, /ka.lũ'gej.ru/, /i'dej.ɐ/, /dɛka'dɛj.ru/, /ka'zɛj.ru/, /'bej.zu/, /'mej.ɐ/, /te'ɐej.ru/, /zɛ.la'dɛj.rɐ/, /'lɛj.tĩ/, /pɛ'nɛj.rɐ/, /'tej.ɐ/	/'ow.tru/, /mu'dow/, /'ow.ru/, /'pow.ku/, /dɛj'fow/, /te'zow.rɐ/, /'kow.vi/, /a.ka'bɛw̃/, /fi'kow/, /'vow/, /be'zow.ru/, /ow'vi.du/, /'tow.ru/
Monotongado	/ka.fɐ/, /pa'fɛ̃w̃/, /ba.la'rine/	/'pɛ.fĩ/, /tra've.se.ru/, /pri'me.ru/, /ma.ma'de.rɐ/, /ba.ga'zɛ.ru/, /ka'fwe.rɐ/, /tor'ne.rɐ/, /ka'de.rɐ/, /de'fɔ/, /'ke.fu/, /a'mɛ.fɐ/, /ɐ.kej'zɛ̃w̃/, /ka.lũ'ge.ru/, /i'de.ɐ/, /de.ɐa'de.ru/, /ka'ze.ru/, /'be.zu/, /'me.ɐ/, /te'ɐe.ru/, /vɛɐ.da'de.ru/, /zɛ.la'de.rɐ/, /'lɛ.ti/, /pɛ'ne.rɐ/, /'te.ɐ/, /i'de.ɐ/	/'o.tu/, /mu'dô/, /'oru, 'poku/, /dɛ'fô/ te'zore/, /'kovi/ /a.ka' bô/, /fik' ô/ /'vô/, / be' zo.ru/ o' vi.du/, / to.ru

Fonte: Elaboração própria, 2023.